



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ORIENTAÇÕES PARA A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

32ª Assembléia Geral
Itaici, SP, 13 a 22 de abril de 1994

INTRODUÇÃO

Há alguns anos a Linha 4 – Dimensão Litúrgica da CNBB – vem trabalhando o importante tema das Celebrações Dominicais da Palavra de Deus. Uma pesquisa realizada nos anos de 1989-1990, respondida por 159 Dioceses, numa porcentagem de 65% sobre o total, revelou que esta é uma das formas celebrativas mais freqüentes. Aproximadamente 70% das comunidades reúnem-se e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus.

A celebração da Palavra de Deus é um ato litúrgico reconhecido e incentivado pela Igreja. Sua reflexão torna-se ainda mais significativa se considerarmos o apreço das comunidades pela leitura e meditação da Sagrada Escritura e a prática da Leitura Orante.

A Palavra de Deus é acontecimento, onde o Pai entra na História, onde o Filho prolonga o mistério de sua Páscoa e o Espírito atua com sua força. As celebrações da Palavra de Deus, especialmente aos domingos, fundamentam-se no caráter sacerdotal de cada batizado e de cada batizada. “Ele fez para nós um Reino de Sacerdotes”, nos lembra o Apocalipse. “Ele te unge sacerdote”, repetimos em cada celebração batismal. Isto é, cada celebração da Palavra é uma forma do povo consagrado “proclamar as maravilhas daquele que nos chamou das trevas à luz”.

As celebrações da Palavra de Deus não são uma criação das últimas décadas, mas fazem parte da tradição da Igreja. As comunidades primitivas criaram uma estrutura própria de celebração da Palavra – o ofício divino. Hoje existem, nas comunidades católicas do Brasil, diversos roteiros da celebração da Palavra de Deus.

A finalidade destas celebrações é a de assegurar às comunidades cristãs a possibilidade de se reunir no domingo e nas festas, tendo a preocupação de inserir suas reuniões na celebração do ano litúrgico e de as relacionar com as comunidades que celebram a Eucaristia.

O presente texto foi examinado e aprovado de modo geral pelos Bispos Responsáveis por Liturgia em agosto de 1992 e em março de 1993. Foi depois apresentado na 31ª Assembléia Geral em 1993, onde se resolveu que voltasse às bases diocesanas para ser aperfeiçoado através do estudo das Equipes de Liturgia.

Finalmente, na 32ª Assembléia Geral, em 1994, foi aprovado em votação unânime. A Páscoa do Senhor e a luz de seu Espírito iluminem o discernimento pastoral de todos quantos colaboraram no enriquecimento deste texto.

Dom Clemente José Carlos Isnard
Bispo responsável pela Linha 4

I. PARTE: SENTIDO LITÚRGICO DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

1. “Entre as formas celebrativas que se encontram na tradição litúrgica, é muito recomendada a celebração da Palavra de Deus”,¹ para o alimento da fé, da comunhão e do compromisso do Povo de Deus.² Ela é ação litúrgica reconhecida e incentivada pelo

Concílio Vaticano II: “Incentive-se a celebração sagrada da Palavra de Deus, nas vigílias das festas mais solenes, em algumas férias do Advento e da Quaresma, como também nos domingos e dias santos, sobretudo naqueles lugares onde falta o padre”.³

2. Em terras latino-americanas a realidade da “falta de ministros, a dispersão populacional e a situação geográfica do Continente fizeram crescer a consciência” da importância das celebrações da Palavra de Deus.⁴

3. Medellín, ao mesmo tempo que realça o valor desta forma celebrativa, sublinha sua relação com as celebrações sacramentais: “Fomentem-se as sagradas celebrações da Palavra, conservando sua relação com os sacramentos nos quais ela alcança sua máxima eficácia, e particularmente com a Eucaristia”.⁵

4. Puebla recomenda as celebrações da Palavra presididas por diáconos ou leigos,⁶ como ocasiões propícias de evangelização.⁷ Estas, “com uma abundante, variada e bem escolhida leitura da Sagrada Escritura, são de muito proveito para a comunidade, sobretudo, para a realização da celebração dominical”.⁸

5. É nesta celebração que muitas comunidades encontram o alimento de sua vida cristã. Formadas por gente simples, em luta pela sobrevivência e mais abertas à solidariedade, estas comunidades, espontaneamente, unem a Escritura à vida e, criativamente, integram preciosos elementos da religiosidade popular e de sua cultura.⁹

6. Pela Palavra de Deus, as comunidades celebram o mistério de Cristo em sua vida. Depois dos sacramentos, a celebração da Palavra é a forma mais importante de celebrar.¹⁰ Isto exige de nós uma reflexão teológica mais aprofundada e uma maior atenção pastoral.

7. Nas diferentes formas celebrativas e na diversidade de assembléias das quais os fiéis tomam parte, exprimem-se os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus. Isto acontece no transcorrer do ano litúrgico, em que se recorda o mistério de Cristo em seu desenvolvimento, como na celebração dos sacramentos e dos sacramentais da Igreja, e também nas respostas de cada fiel à ação interna do Espírito Santo.

Deste modo, a celebração litúrgica, converte-se num acontecimento novo e enriquece a palavra com uma nova interpretação e eficácia.¹¹

Deus fala e age em favor de seu povo

8. A Palavra de Deus está viva e atuante hoje na comunidade eclesial. Deus continua a falar aos seus filhos em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo. Vale-se da comunidade dos fiéis que celebra a liturgia, para que a sua Palavra se propague e seja conhecida, e seu nome seja louvado por todas as nações.¹²

9. O mistério da salvação, que a Palavra de Deus não cessa de recordar e prolongar, alcança seu mais pleno significado na ação litúrgica. Assim, a Palavra de Deus é sempre viva¹³ pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai. A Palavra nunca deixa de ser eficaz.¹⁴ Ela contém, realiza e manifesta a aliança que Deus firmou com seu povo.

10. A Palavra de Deus é um “acontecimento” através do qual o próprio Deus entra no mundo, age, cria, intervém na História do seu povo para orientar sua caminhada. “Ela é como a chuva e a neve que descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e o pão ao que come. Ela não torna a ele sem ter produzido fruto e sem ter cumprido a sua vontade”.¹⁵ Ela é poder¹⁶ e força criadora de Deus¹⁷ que se dirige pessoalmente a cada um, hoje.¹⁸ Nesta perspectiva, as celebrações da Palavra, sob a ação do Espírito Santo, se constituem em memória reveladora dos acontecimentos maravilhosos da salvação. O testemunho de vida do próprio ministro da Palavra tem sua importância.

Memória e presença de Jesus Cristo

11. O centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Jesus Cristo, palavra e sinal do amor com que Deus intervém e age para salvar seu povo: presença divina ativa entre nós.¹⁹ Ele é uma presença contínua na Igreja através da Eucaristia e dos demais sacramentos, da assembléia e do ministro, da Palavra proclamada e da oração comunitária.²⁰ “Onde se proclama a sua soberania aí está o Senhor presente”,²¹ e, realizando o mistério da salvação, nos santifica e presta ao Pai o culto perfeito.²² A liturgia é a celebração da obra salvífica de Cristo. É ele quem realiza o projeto do Pai.

12. Na proclamação da Palavra, Cristo continua falando a seu povo, como profeta e sacerdote. Os fiéis, escutando a Palavra de Deus, reconhecem que as maravilhas, ali anunciadas, atingem a plenitude no mistério pascal.²³ A exemplo das comunidades primitivas, os irmãos reunidos para a escuta da Palavra na celebração fazem a experiência da presença viva do Ressuscitado.²⁴ Pois, também, através da celebração da Palavra de Deus, faz-se memória do mistério pascal de Cristo morto e ressuscitado.

Ação e presença do Espírito Santo

13. O ambiente celebrativo da Palavra de Deus evidencia a relação existente entre a Palavra proclamada e celebrada e a ação do Espírito Santo. “Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito, por cuja inspiração a Palavra de Deus se converte em fundamento, em norma e ajuda de toda a vida. A atuação do Espírito Santo não só precede, acompanha e segue toda a ação litúrgica, mas também sugere ao coração de cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra de Deus, foi dito para toda a comunidade dos fiéis; e, ao mesmo tempo que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações”.²⁵

14. A acolhida da Palavra, a oração de louvor, de ação de graças e de súplica que ela suscita, é ação do Espírito, “pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis”.²⁶ “Ninguém pode dizer Senhor Jesus, senão pelo Espírito Santo”.²⁷ A escuta da Palavra de Deus se torna compromisso de fé e de conduta cristã pela força do Espírito Santo. “Tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes”.²⁸ Deste modo, o Espírito de Deus introduz os fiéis na celebração e na experiência cristã da riqueza libertadora da Palavra de Deus e por ele a Palavra se transforma em acontecimento de salvação no coração da História.

15. O Espírito Santo agiu na vida de Cristo, ele está presente e atua na vida dos seguidores do Ressuscitado. Vivifica a ação celebrativa tornando-a frutuosa para a comunidade eclesial, que atualiza o passado e antecipa os definitivos acontecimentos da salvação na esperança da glória futura.²⁹

Ação comunitária da Igreja

16. A liturgia é ação comunitária da Igreja, o novo povo de Deus, que está no mundo vivenciando as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias com todos os homens e mulheres de hoje, sobretudo com os pobres.³⁰ A liturgia é o ápice e a fonte da vida eclesial.³¹ É a festa da comunhão eclesial, na qual se celebra a ação do Senhor Jesus, que, por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus.³²

17. A Igreja, Povo de Deus convocado para o culto, cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus. Os prodígios que de muitas formas Deus realizou na história da salvação fazem-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica, de um modo misterioso, mas real. Portanto, sempre que a Igreja, na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, se reconhece a si mesma como o povo da nova aliança.³³

18. A Igreja continua na liturgia a ação de Jesus Cristo que como em Emaús, exorta a aprofundar o conjunto das Escrituras.³⁴ Assim, “a Igreja perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é e tudo o que ela crê, de tal modo que, ao longo dos séculos, vai caminhando continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela mesma se realize completamente a Palavra de Deus”.³⁵

19. Atenção pastoral merecem as celebrações ecumênicas da Palavra de Deus. Nestas celebrações a primazia recai sobre o espírito de unidade à luz da Palavra de Deus. Para isto, as celebrações ecumênicas devem ser preparadas previamente, com a colaboração e aprovação das partes interessadas, no que diz respeito aos textos bíblicos, cantos, orações, exercício dos ministérios e partilha da Palavra. Na organização do ambiente e dos elementos celebrativos, respeita-se a sensibilidade religiosa dos participantes. Importa ressaltar que o testemunho da unidade entre os cristãos é um imperativo da fé: “para que o mundo creia” (Jo 17,21).

Ação simbólica

20. Deus e a pessoa humana exprimem suas relações, através de sinais, símbolos e objetos.³⁶ A celebração da Palavra, como toda a celebração litúrgica, se faz com “sinais sensíveis”.³⁷ A participação do povo no acontecimento celebrado expressa-se com palavras, gestos, ações e ritos. A expressão simbólica da celebração “exprime e estimula os pensamentos e os sentimentos dos participantes”.³⁸ O gesto corporal revela a fé e a comunhão. Os discípulos, ao verem o Senhor, “prostraram-se diante dele”.³⁹ “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo”.⁴⁰

A Palavra de Deus na liturgia é sinal celebrativo. É sinal enquanto contém e expressa a realidade da salvação. Ela proporciona o encontro da comunidade com o próprio Deus que se comunica e se faz presente em Jesus Cristo.

Ação ministerial

21. A proclamação eclesial e litúrgica da Palavra de Deus é uma realidade ministerial. Por vontade divina, o novo povo de Deus está formado por uma variedade de membros; por esta razão, são também vários os serviços e as funções que correspondem a cada um, no que se refere à Palavra de Deus. Na celebração, cada um tem o direito e o dever de contribuir com sua participação, de modo diferente segundo a diversidade de função e de ministérios.⁴¹

A escuta da Palavra gera vida nova

22. Quando Deus comunica a sua Palavra, sempre espera uma resposta, que consiste em escutar e adorar “em Espírito e Verdade”.⁴² O Espírito Santo age para que a resposta seja eficaz, para que se manifeste na vida o que se escuta na ação litúrgica. Assim, procurem os fiéis, que aquilo que celebram na liturgia seja uma realidade em sua vida e costumes e, inversamente, o que fizerem em sua vida se reflita na liturgia.⁴³

23. A escuta da Palavra suscita o arrependimento e estimula à conversão. “A Palavra de Deus é viva e eficaz, mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas”.⁴⁴ Ela põe em crise as situações erradas, provoca uma revisão, suscita o compromisso. “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”.⁴⁵

24. As celebrações da Palavra de Deus atuam e frutificam à medida que há uma resposta de vida de fé, de esperança e de caridade da parte dos que escutam. A resposta de fé supõe explicação e compreensão da Palavra. “Como é que vou entender se ninguém me explicar?”⁴⁶ Daí se pode entender a necessidade do estudo da Sagrada Escritura, a ser planejado de maneira correspondente às necessidades das pastorais e da pastoral de conjunto.

25. Apoiando-se na Palavra de Deus, as pessoas se tornam mais solidárias e fazem dos momentos celebrativos um encontro festivo e comprometido com o próprio Deus da vida, que é Palavra que ama, salva, transforma e liberta.

Relação entre a Palavra de Deus e a Eucaristia

26. A Igreja cresce e se edifica ao escutar a Palavra de Deus e ao celebrar a eucaristia como memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo, até que ele venha.⁴⁷ A Palavra de Deus proclamada conduz à plenitude do mistério pascal de Cristo crucificado e ressuscitado. Com efeito, o mistério pascal de Cristo, anunciado nas leituras e na homilia, realiza-se por meio da Eucaristia.⁴⁸

27. Palavra de Deus e mistério eucarístico foram honrados pela Igreja com a mesma veneração,⁴⁹ embora com diferente culto. “A Igreja sempre quis e determinou que assim fosse, porque, impelida pelo exemplo de seu fundador, nunca deixou de celebrar o mistério pascal de Cristo, reunindo-se para ler todas as passagens da Escritura que a ele se referem e realizando a obra da salvação, por meio do memorial do Senhor”.⁵⁰

28. “A Igreja alimenta-se com o Pão da Vida na mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo”.⁵¹ “Na Palavra de Deus se anuncia a aliança divina e na Eucaristia se renova esta mesma aliança nova e eterna. Na Palavra recorda-se a história da salvação, na Eucaristia a mesma história se expressa por meio de sinais sacramentais”.⁵² Portanto, a Palavra conduz à Eucaristia. Se, por um lado, a Palavra encontra sua realização na Eucaristia, por outro a Eucaristia tem, de certo modo, seu fundamento na Palavra.

29. A celebração eucarística é o verdadeiro centro de toda a vida cristã, para a qual convergem e se unem as atividades pastorais, os ministérios eclesiais e os demais sacramentos.⁵³ “Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima Eucaristia”.⁵⁴

30. Palavra de Deus e Eucaristia são duas formas diferentes da presença de Jesus Cristo no meio do povo da nova aliança. O ideal seria que todas as comunidades cristãs pudessem celebrar a eucaristia, especialmente, aos domingos. Todavia, inúmeras razões, como: a falta de ministros,⁵⁵ o aumento do número de comunidades cristãs, sua dispersão em lugares afastados e outros motivos, impedem que as comunidades participem da celebração eucarística dominical.⁵⁶

O domingo, dia do Senhor e da comunidade

31. O domingo é uma instituição de origem especificamente cristã.⁵⁷ Começou com a reunião dos primeiros cristãos para celebrar a memória da morte e ressurreição de Jesus Cristo que se deu no primeiro dia da semana.⁵⁸ A celebração do Senhor ressuscitado e a ação de graças – eucaristia – são os elementos essenciais do domingo cristão.⁵⁹ Os irmãos reunidos oravam, escutavam a Palavra e eram alimentados com o alimento divino – fração do pão.⁶⁰

32. O domingo é o dia da Igreja. Dia da comunidade reunida em nome do Senhor. Nesse mesmo dia, o Filho enviou de junto do Pai, o Espírito Santo sobre seus discípulos.⁶¹ E os enviou como mensageiros da Boa Nova.⁶² O dia do Senhor devia ser vivido na alegria,⁶³ dia da grande libertação, sinal profético da reunião universal de todos os eleitos diante do Trono de Deus, cantando seus louvores.⁶⁴

33. O domingo era tão significativo para os primeiros cristãos, que eles se sentiam verdadeiramente convidados a participar da reunião comunitária. Nem o risco de vida, a prisão ou as torturas os afastavam das celebrações dominicais. Faltar à assembléia dominical é amputar o Corpo de Cristo.⁶⁵ Reunir-se e tomar parte na liturgia dominical, na escuta da Palavra, na participação no corpo e no sangue do Senhor, era expressão de

pertença a Cristo.⁶⁶ Sinal da alegria pela presença do Espírito Santo e pela comunhão com o Senhor glorificado e pela esperança de sua volta.⁶⁷

34. Tomar parte da assembléia litúrgica, trata-se de um imperativo que brota da fé e da comunhão com a Igreja de todos os tempos, em torno do Ressuscitado. Daí que, para aquele que crê, e se sente integrado numa comunidade de fé, “reunir-se no dia do Senhor”, mais que uma obrigação preceitual, é um privilégio.

35. O cuidado pastoral deverá considerar a assembléia dominical como a reunião do Povo de Deus convocado para celebrar a Páscoa do Senhor. Desse modo, os fiéis serão, por sua participação ativa na ação litúrgica dominical, fortalecidos em sua fé e no testemunho de sua vida eclesial.⁶⁸

36. O domingo, além de ser o dia do Senhor e da comunidade, é também o dia de alegria e de repouso do trabalho, expressão de liberdade e de convivência fraterna. O repouso dominical é sinal de libertação e proclamação da grandeza da pessoa humana, “que, sem dúvida, tem mais valor do que os negócios e os processos produtivos”.⁶⁹

37. A sociedade consumista e secularizada perdeu o sentido religioso do domingo. O mundo do trabalho por turnos, a mentalidade de produção e o regime urbano de vida estão enfatizando outras dimensões. Não tendo tempo disponível durante a semana, as pessoas ocupam o domingo nos afazeres domésticos ou em serviços que possam ajudar na subsistência familiar. Muitas famílias procuram, fora da cidade, a superação da tensão gerada pela vida cotidiana, por vezes, em realidades opostas ao sentido cristão do domingo.⁷⁰

A celebração dominical

38. Os fiéis sejam instruídos acerca do significado da assembléia dominical. Onde não for possível a celebração eucarística, possibilitem às comunidades eclesiais a celebração da Palavra de Deus. Deste modo, seus membros, terão acesso aos tesouros da Sagrada Escritura e da oração da Igreja.⁷¹ “A celebração da Palavra, mesmo com a distribuição da comunhão, não deve levar o povo a pensar que se trata do Sacrifício da missa”.⁷²

39. As celebrações dominicais da Palavra de Deus sejam acompanhadas de uma oportuna catequese aos fiéis sobre o seu sentido, e se proporcione uma adequada formação litúrgica aos que nelas desempenham serviços e ministérios.

40. Mesmo tendo presente o valor pastoral e sacramental das celebrações dominicais da Palavra de Deus, não se devem ocultar questões sérias, como a dos ministérios e do direito das comunidades à celebração mais freqüente da Eucaristia. O Papa João Paulo II lembra que a Eucaristia é o centro das formas de oração e o fundamento indispensável para as comunidades cristãs.⁷³

41. No Ano Litúrgico, além do domingo, existem outros momentos importantes na vida da Igreja, que precisam ser celebrados. Neles revive-se o mistério pascal. São as solenidades relacionadas a Jesus, como o dia de Natal e o Corpo e o Sangue de Cristo e as festas da Virgem Maria, como o dia da Imaculada Conceição, Santa Mãe de Deus e outros acontecimentos importantes da comunidade e da sociedade.

Equipe de celebração

42. A celebração da Palavra de Deus, como expressão da Igreja reunida, supõe a presença de uma equipe de celebração que, a prepare, anime e integre os diversos serviços: do acolhimento fraterno, da presidência, da animação, do canto, da proclamação das leituras e outros. Para o seu bom desempenho, requer-se para a equipe a formação litúrgica. Convém que dela participem crianças, jovens, homens e mulheres.

43. No momento de preparar a celebração, a equipe considere os seguintes elementos: situar a celebração no tempo litúrgico e na realidade de vida da comunidade; ler e refletir os textos bíblicos, percebendo sua mensagem central; prever os comentários, as orações, os cantos, os gestos e as expressões simbólicas que a vida da comunidade e a Palavra de Deus sugerem. Após a elaboração do roteiro da celebração, a equipe distribua co-responsavelmente os serviços, visando a participação ativa de toda a assembleia.

Espaço celebrativo

44. Embora toda a terra seja santa, "A Igreja, como família de Deus, precisa de uma casa para reunir-se, dialogar, viver na alegria e na comum-união os grandes momentos de sua vida religiosa".⁷⁴ Por isso, o espaço celebrativo seja funcional e significativo, de tal modo que favoreça:

- a participação ativa da assembleia;
- o exercício dos diferentes ministérios. O espaço celebrativo visa suscitar em todos a recordação da presença de Deus que fala ao seu povo.

45. Tenha-se cuidado com a disposição e ornamentação do espaço celebrativo. Valorizem-se as expressões da arte local. O bom gosto criará um ambiente religioso, digno, agradável, levando-se em conta a cultura própria da região. A configuração do espaço celebrativo deverá ser tal que ponha em destaque a mesa da palavra, e que os ministros possam facilmente ser vistos e ouvidos pela assembleia.

46. A dignidade da Palavra de Deus requer, no espaço celebrativo, um lugar próprio para a sua proclamação. Convém que a "mesa da Palavra" ocupe lugar central. Nela são proclamadas as leituras Bíblicas. Aí aquele que preside, dirige-se à assembleia e profere as orações. Para a "Mesa da Palavra" convergem as atenções de todos os presentes.

47. Os livros litúrgicos requerem sejam tratados com cuidado e respeito, pois é deles que se proclama a Palavra de Deus e se profere a oração da Igreja. Por isso, na celebração, os ministros tenham em sua mão livros belos e dignos, quer na apresentação gráfica quer na encadernação.

48. A acústica e o sistema de som merecem um cuidado especial para permitir a comunicação da Palavra, a escuta e a resposta da assembleia impregnando o ambiente de nobreza e de religiosidade.

49. A diversidade de ministérios na celebração é significada exteriormente pela diversidade das vestes, que são sinais distintivos da função própria de cada ministro. Na celebração da Palavra podem-se adotar vestes litúrgicas confeccionadas segundo a sensibilidade e o estilo próprio das culturas locais. Por sua vez, a diversidade de cores tem por finalidade exprimir de modo mais eficaz, o caráter dos mistérios da fé que se celebram e o sentido da dinâmica da vida cristã ao longo do ano litúrgico.

II. PARTE: ELEMENTOS PARA O ROTEIRO DA CELEBRAÇÃO

50. Há entre as comunidades eclesiais uma diversidade de roteiros para a celebração da Palavra de Deus. Será de grande proveito que as equipes de liturgia das comunidades e dioceses, dêem sua colaboração na elaboração de roteiros que expressem, de forma inculturada, a riqueza do mistério de Deus na vida do povo.

51. As celebrações dos sacramentos, possuem um ritual próprio. No caso da celebração da Palavra de Deus, não existe um ritual específico. Muitas comunidades simplesmente seguem o esquema da Celebração Eucarística, omitindo algumas partes. Outras comunidades usam o roteiro sugerido por folhetos litúrgicos.

52. Se por um lado, há certa liberdade na celebração da palavra, por outro, há uma lógica a ser observada que, no seu conjunto, reflete uma coerência teológico-litúrgica: o

Senhor convida e reúne, o povo atende e se apresenta; o Senhor fala, a assembléia responde professando sua fé, suplicando e rezando, louvando e bendizendo. A comunidade com ritos, gestos e símbolos expressa e renova a Aliança de Deus com o seu povo e deste com Deus. A assembléia é abençoada e enviada em missão na construção de comunidades vivas.

53. É necessário situar a celebração da Palavra de Deus no contexto do tempo litúrgico e na vida da comunidade. Tenha-se presente os acontecimentos e esteja-se atento à realidade das pessoas que vão celebrar.⁷⁵ Para garantir o ritmo celebrativo procure-se integrar de forma harmoniosa, movimento e descanso, gesto e palavra, canto e silêncio, expressão e interiorização, ação dos ministros e participação da comunidade. É preciso levar em conta as exigências da comunicação e da cultura do povo.

54. Na celebração da Palavra sejam devidamente valorizados os seguintes elementos:

- 1º Reunião em nome do Senhor;
- 2º Proclamação e atualização da palavra;
- 3º Ação de graças;
- 4º Envio em missão.⁷⁶

55. O roteiro da celebração da Palavra deve ser organizado de tal modo que favoreça a escuta e a meditação da Palavra de Deus, a oração e o compromisso de vida.⁷⁷

56. A celebração possibilite o encontro de comunhão afetivo e efetivo entre Deus e as pessoas, e seja capaz de penetrar as dimensões mais profundas da vida. Por isso, a celebração deve respeitar a dinâmica dialogal que tem início em Deus e que provoca a resposta dos fiéis reunidos em assembléia.

Ritos iniciais

57. A celebração comunitária da Palavra preparada e realizada num clima de acolhida mútua, de amizade, de simplicidade, de alegria e de espontaneidade, favorece a comunhão e a participação dos fiéis na escuta da Palavra e na oração. "A atitude de amizade e de acolhimento acentua a valorização da pessoa, num mundo onde a técnica e o progresso nem sempre deixam espaço para a comunicação pessoal".⁷⁸ "Por isso, a pessoa precisa ser acolhida na comunidade, com abertura e sensibilidade para os diversos aspectos e dimensões de sua identidade e existência".⁷⁹

58. Além do "ministério da acolhida" e da postura acolhedora, alegre, disponível e bem-humorada dos ministros,⁸⁰ é importante a apresentação das pessoas que tomam parte pela primeira vez, ou que estão em visita ou de passagem pela comunidade; a lembrança das pessoas ausentes por motivos de enfermidade, de trabalho ou de serviço em favor da comunidade; a recordação dos falecidos e seus familiares enlutados.

59. Nos ritos iniciais e de acolhida são importantes ainda, para se criar o clima de encontro: o ensaio de cantos, um breve tempo de oração pessoal e silenciosa, a recordação de acontecimentos da semana ligados à vida das pessoas, famílias, comunidades, diocese, país e do mundo, ligando a Páscoa de Jesus Cristo com os acontecimentos da vida.

60. O comentarista, consciente de sua função, orienta a assembléia litúrgica com breves indicações sobre os cânticos, partes e os elementos da celebração.

61. Quem preside a assembléia, com palavras espontâneas e breves, saúda e acolhe a todos e os introduz no espírito próprio da celebração, despertando na assembléia a consciência de que está reunida em nome de Cristo e da Trindade para celebrar.

62. A equipe de liturgia, em conformidade com o tempo litúrgico e os acontecimentos da vida da comunidade, poderá iniciar a celebração com uma procissão, levando a imagem

do santo da devoção do povo, bandeiras, estandarte, faixas, cartazes e símbolos expressivos da realidade e da vida de fé dos presentes, entronizando a Cruz e a Bíblia e no tempo pascal, o Círio.

63. O rito penitencial é um momento importante na celebração da Palavra. Ele prepara a assembléia à escuta da Palavra e à oração de louvor. Para que a comunidade externe melhor os sentimentos de penitência e de conversão, a equipe de liturgia, de modo criativo, poderá prever cantos populares de caráter penitencial, refrões variados, expressões corporais, gestos, símbolos e elementos audiovisuais que permitam à comunidade e às pessoas externarem melhor os sentimentos de penitência e conversão, o reconhecimento das situações de pecado pessoal e social. Tenha-se o cuidado para não prolongar este rito de modo desproporcional às outras partes da celebração.

64. Aquele que preside concluirá os ritos iniciais com uma oração. Tendo em conta a assembléia e suas condições, quem preside poderá solicitar aos presentes, após uns instantes de oração silenciosa, que proclamem os motivos de sua oração – fatos da vida, aniversários, falecimentos, problemas, alegrias e esperanças – e, depois, concluirá a oração proposta, integrando as intenções no conteúdo e no espírito do tempo litúrgico.

65. Em conformidade com o espírito da festa, a experiência de fé e a sensibilidade cultural da comunidade poderá ser de grande proveito a inclusão de orações tiradas da piedade popular.⁸¹

Liturgia da Palavra

66. Deus convoca a assembléia e a ela dirige sua Palavra e a interpela no hoje da História. A liturgia da Palavra compõe-se de leituras tiradas da Sagrada Escritura, salmo responsorial, aclamação ao Evangelho, homilia, profissão de fé e oração universal.⁸² “Nas leituras atualizadas pela homilia Deus fala a seu povo, revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual. O próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis. Pelos cantos, o povo se apropria dessa palavra de Deus e a ela adere pela profissão de fé. Alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro”.⁸³

67. A equipe de liturgia pode escolher os textos bíblicos à luz dos acontecimentos da vida da comunidade. Acontecimentos esses que devem ser refletidos e celebrados pela comunidade, na perspectiva da fé e tendo como ponto de referência a Sagrada Escritura. Isto supõe que a equipe de liturgia esteja familiarizada com a Bíblia para poder escolher a passagem bíblica de acordo com cada realidade.

68. Nos dias de festa e nos domingos dos tempos fortes do Ano Litúrgico (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e tempo Pascal) é importante que as leituras Bíblicas sejam as indicadas para as celebrações Eucarísticas, pois elas muitas vezes parecem ser um providencial “recado” de Deus para a situação concreta da comunidade.

69. A proclamação do Evangelho deve aparecer como ponto alto da liturgia da Palavra, para o qual a assembléia se prepara pela leitura e escuta dos outros textos bíblicos. Entre a 1ª leitura e o Evangelho existe uma íntima unidade que evidencia a realização das promessas de Deus no Antigo Testamento e no Novo Testamento.⁸⁴

70. Convém que as comunidades, conforme as circunstâncias específicas, encontrem, dentro da variedade de gestos possíveis, ritos que permitem valorizar e realçar o Livro da Palavra (Bíblia, Lecionário) e a sua proclamação solene. O Livro, sinal da Palavra de Deus, é trazido em procissão, colocado na Mesa da Palavra, aclamado antes e depois da leitura e venerado. Não é recomendável que o leitor proclame a Palavra usando o folheto.⁸⁵

71. Faz parte também da Liturgia da Palavra um tempo de meditação – silêncio, repetição, partilha – para buscar em comunidade o que o Senhor pede e para acolher a

Boa Nova que sua Palavra comunica. Por isso, evite-se a pressa que impede o recolhimento.⁸⁶ Pode-se guardar momentos de silêncio antes da motivação para a liturgia da Palavra, depois da 1ª e da 2ª leitura e ao concluir a homilia.⁸⁷

72. A Palavra de Deus a ser proclamada e a dimensão comunitária da celebração requerem dos ministros da Palavra uma adequada preparação Bíblico-Litúrgica e técnica. Por esta razão, leve-se em conta a maneira de ler, a postura corporal, o tom da voz, o modo de se vestir e a boa comunicação. Proclamar a Palavra é colocar-se a serviço de Jesus Cristo que fala pessoalmente a seu povo reunido.⁸⁸

Salmo Responsorial e Aclamação

73. O Salmo Responsorial, Palavra de Deus, é parte integrante da liturgia da Palavra. É resposta orante da assembléia à 1ª leitura. Favorece a meditação da Palavra escutada. Em lugar do refrão do mesmo salmo, podem-se cantar refrões adaptados, de caráter popular. Dar-se-á sempre preferência a um salmo em lugar do chamado canto de Meditação.

74. O Aleluia ou, de acordo com o tempo litúrgico, outro canto de aclamação ao Evangelho, é sinal da alegria com que a assembléia recebe e saúda o Senhor que vai falar e da disponibilidade para o seguimento da mensagem da Boa Nova proclamada.⁸⁹

Homilia ou partilha da Palavra de Deus

75. A homilia é também parte integrante da Liturgia da Palavra. Ela atualiza a Palavra de Deus, de modo a interpelar a realidade da vida pessoal e comunitária, fazendo perceber o sentido dos acontecimentos, à luz do plano de Deus, tendo como referencial a pessoa, a vida, a missão e o mistério pascal de Jesus Cristo. A explicação viva da Palavra de Deus motiva a assembléia a participar na oração de louvor e na vivência da caridade, buscando realizar a ligação entre a Palavra de Deus e a vida, com mensagem que brota dos textos em conjunto e em harmonia entre si, atingindo a problemática do dia-a-dia da comunidade.

76. Quando o diácono preside a celebração da Palavra a ele compete a homilia.⁹⁰ Na sua ausência, a explicação e a partilha comunitária da Palavra de Deus cabe a quem preside a celebração.

77. Quando oportuno, convém que a homilia ou a partilha da Palavra desperte a participação ativa da assembléia, por meio do diálogo, aclamações, gestos, refrões apropriados. Segundo as circunstâncias, quem preside convida os presentes a dar depoimentos, contar fatos da vida, expressar suas reflexões, sugerir aplicações concretas da Palavra de Deus.⁹¹ Poderá haver troca de idéias em grupo, seguida de uma breve partilha comum e a complementação de quem preside.

78. Conforme o caso, a dramatização da Palavra, poderá ser excelente complementação da homilia, sobretudo nas comunidades menores e constituídas pelo povo mais simples, que gosta de se expressar com gestos, símbolos e encenações adequadas ao seu universo mental.⁹²

Profissão de Fé

79. O Creio é uma resposta de fé da comunidade à Palavra de Deus.⁹³ Exprime a unidade da Igreja na mesma fé e sua adesão ao Senhor. Por isso, é significativo recitar ou cantar a profissão de fé nos domingos e nas solenidades. Existem três fórmulas do Creio: O Símbolo dos Apóstolos, o Símbolo Niceno-constantinopolitano e a fórmula com perguntas e respostas como a encontramos na Vigília Pascal e na celebração do batismo. Eventualmente, podem-se usar refrões cantados e adequados para que a comunidade manifeste a sua adesão de fé eclesial.⁹⁴ Fé é adesão incondicional feita somente a Deus e não a pessoas, instituições ou movimentos humanos.

Oração dos Fiéis / Oração Universal

80. A oração dos fiéis ou oração universal, em geral, tornou-se um momento bom, variado e de razoável participação nas comunidades, “onde o povo exerce sua função sacerdotal”.⁹⁵ Nela, os fiéis pedem a Deus que a salvação proclamada se torne uma realidade para a Igreja e para a humanidade, suplicam pelos que sofrem e pelas necessidades da própria comunidade, da nação, da Igreja e seus ministros,⁹⁶ sem excluir os pedidos de interesse particular das pessoas.

81. A comunidade reunida eleva ao Senhor sua oração universal com grande simplicidade. Nas comunidades maiores, a equipe de celebração, atenta à realidade local, eclesial e litúrgica elabora os pedidos. Seria bom que, onde há o ministério das rezadeiras,⁹⁷ esse momento fosse, algumas vezes, confiado a elas. É oração que brota do coração da comunidade animada pelo Espírito Santo, pela Palavra ouvida e pela vida. Por isso, não é coerente a simples leitura de intenções de um folheto.

82. Após a oração dos fiéis pode-se fazer a coleta como expressão de agradecimento a Deus pelos dons recebidos, de co-responsabilidade da manutenção da comunidade e seus servidores e como gesto de partilha dos irmãos necessitados.

Momento do Louvor

83. Um dos elementos fundamentais da celebração comunitária é o “rito de louvor”, com a qual se bendiz a Deus pela sua imensa glória.⁹⁸ A comunidade reconhece a ação salvadora de Deus, realizada por Jesus Cristo e canta seus louvores. “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos”.⁹⁹ “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção – a remissão dos pecados”.¹⁰⁰

84. A comunidade sempre tem muitos motivos para agradecer ao Senhor, seja pela vida nova que brota da Ressurreição de Jesus, como pelos sinais de vida percebidos durante a semana na vida familiar, comunitária e social.

85. O momento da ação de graças ou de louvor pode realizar-se através de salmos, hinos, cânticos, orações litânicas ou ainda benditos e outras expressões orantes inspiradas na piedade popular. Isso pode ser após a oração dos fiéis, a distribuição da comunhão ou, ainda, no final da celebração.¹⁰¹

86. O momento de louvor não deve ter, de modo algum, a forma de celebração eucarística. Não faz parte da celebração comunitária da Palavra a apresentação das ofertas de pão e de vinho, a proclamação da oração eucarística própria da missa, o canto do Cordeiro de Deus e a bênção própria dos ministros ordenados.¹⁰² Também nas celebrações da Palavra não se deve substituir o louvor e a ação de graças pela adoração ao Santíssimo Sacramento.

Oração do Senhor - Pai-nosso

87. A Oração do Pai-nosso, que nunca deverá faltar na celebração da Palavra, pode ser situada em lugares diferentes conforme o roteiro escolhido para a celebração. A oração do Senhor é norma de toda a Oração do Cristo, pede o Reino, o pão e a reconciliação, e expressa o sentido da filiação Divina e da fraternidade. Evite-se sua substituição por cantos ou orações parafraseados. O Pai-Nosso pode ser cantado por toda a assembléia.

Abraço da Paz

88. O abraço da paz é expressão de alegria por estar junto aos irmãos e irmãs, é expressão da comunhão fraterna, é importante portanto que na celebração haja um momento para este gesto. Poderá variar o momento conforme o enfoque da celebração

que estamos vivendo. Pode ser no início da celebração, após o ato penitencial, após a homília, onde se realiza normalmente ou no final da celebração.

A Comunhão Eucarística

89. Nas comunidades onde se distribui a comunhão durante a celebração da Palavra, o Pão Eucarístico pode ser colocado sobre o altar antes do momento da ação de graças e do louvor, como sinal da vinda do Cristo, pão vivo que desceu do céu.¹⁰³

90. Compete ao ministro extraordinário da comunhão distribuir a sagrada comunhão todas as vezes que não houver presbítero ou diácono em número suficiente e que as necessidades pastorais o exigirem.¹⁰⁴ A comunhão eucarística, de preferência seja distribuída da mesa (do altar).

Ritos de Comunhão
Oração do Pai-nosso,
Saudação da Paz,

Oração: Senhor todo-poderoso, criastes todas as coisas e nos destes alimentos que nos sustentam, concedei-nos crescer na vida espiritual pelo pão da vida que vamos receber, Por Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

O ministro, toma a hóstia e, elevando-a, diz em voz alta voltado para a assembléia:

“Irmãos e irmãs, participemos da comunhão do Corpo do Senhor em profunda unidade com nossos irmãos que, neste dia, tomam parte da celebração eucarística, memorial vivo da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. O Corpo de Cristo será nosso alimento”.

Portanto:

Felizes os convidados para a Ceia do Senhor.

Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

ou

Eu sou o Pão vivo, que desceu do céu: se alguém come deste Pão, viverá eternamente.

Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Assembléia:

Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo.

Se o ministro comungar, reza em silêncio:

Que o Corpo de Cristo me guarde para a vida eterna.

E diz a cada comungante: O Corpo de Cristo. Amém!

Durante a distribuição da comunhão a assembléia canta um hino apropriado.

Pode-se guardar durante algum tempo um silêncio ou entoar um salmo ou um cântico de louvor. A seguir o ministro conclui com a oração:

Restaurados à vossa mesa pelo Pão da vida, nós vos pedimos, ó Deus, que este alimento da caridade fortifique os nossos corações e nos leve a vos servir em nossos irmãos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

(ou)

Fortificados por este alimento sagrado, nós vos damos graças, ó Deus, e imploramos vossa misericórdia; fazei que perseverem na sinceridade do vosso amor aqueles que fortaleceis pela infusão do Espírito Santo. Por Cristo nosso Senhor.

(ou)

Alimentados com o mesmo pão, nós vos pedimos, ó Deus, que possamos viver uma vida nova e perseverar no vosso amor solidários com vossos filhos e nossos irmãos. Por Cristo nosso Senhor.

Para o tempo pascal:

Senhor nosso Deus e Pai, pelo mistério da Páscoa que celebramos, fazei crescer em nossos corações e em nossas vidas os frutos da vossa aliança que hoje renovastes conosco. Dai-nos a alegria de vos servir, apesar das muitas dificuldades de cada dia. Por Cristo nosso Senhor.

Avisos:

Ministro invoca a bênção sobre os presentes:

Que o Senhor nos abençoe, guarde-nos de todo o mal e nos conduza à vida eterna.

Amém!

(ou)

O Senhor nos abençoe e nos guarde!

O Senhor faça brilhar sobre nós a sua face e nos seja favorável!

O Senhor dirija para nós o seu rosto e nos dê a paz.

Que o Senhor confirme a obra de nossas mãos, agora e para sempre.

Amém!

Abençoe-nos o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

Amém!

A alegria do Senhor seja nossa força vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

(ou)

Louvido seja nosso Senhor Jesus Cristo. Para sempre seja louvado!

91. Nas comunidades onde não há distribuição de comunhão, este pode ser um bom momento para alguma ação simbólica, como: partilha do pão, recebimento do dízimo, coleta de donativos em vista de ajuda aos necessitados da comunidade. Pode-se realizar também a aspersão com água, sinal do batismo, ou outras expressões simbólicas ligadas à experiência religiosa da comunidade.

Ritos finais - Compromisso

92. Pelos ritos de despedida a assembléia toma consciência de que é enviada a viver e testemunhar a Aliança no seu dia-a-dia e nos serviços concretos na edificação do Reino.¹⁰⁵

93. Antes de se encerrar a celebração, valorizem-se os avisos e as notícias que dizem respeito à vida da comunidade, da paróquia ou da Diocese. Esses avisos podem ser uma forma de ligação entre o ato litúrgico e os compromissos da semana.¹⁰⁶

94. A bênção é um ato de envio para a missão e de despedida com a graça de Deus. É de suma importância que todos retornem às suas casas e ao convívio social, com um compromisso, com esperança, com a experiência de terem crescido na fraternidade e com a decisão de ser testemunhas do Reino.

ANEXOS

Apresentamos alguns roteiros de celebração da Palavra dos existentes entre as comunidades.

ROTEIRO A

Ritos Iniciais:

Acolhida

Breve comentário

Canto e Procissão de Entrada

<p><i>Momento Penitencial</i> <i>Oração (intenções da Comunidade)</i></p>
<p><i>Liturgia da Palavra:</i> <i>Leituras Bíblicas</i> <i>Salmo responsorial e aclamação</i> <i>Homilia</i> <i>Profissão de Fé</i></p>
<p><i>Momento do Louvor:</i> <i>Orações da Comunidade (oração dos fiéis)</i> <i>Hino de Louvor, Canto</i> <i>Oração em forma de Ladainha</i> <i>Oração do Pai-nosso</i> <i>Ritos de Comunhão (onde for possível)</i></p>
<p><i>Ritos Finais:</i> <i>oração final</i> <i>avisos</i> <i>Canto final</i> <i>Bênção final</i></p>

ROTEIRO B

<p><i>Ritos Iniciais: DEUS NOS REÚNE</i> <i>Canto de entrada</i> <i>Procissão de entrada com símbolos</i> <i>motivação</i> <i>Súplica de Perdão</i> <i>Hino de Glória (nos dias festivos)</i> <i>Oração Inicial</i></p>
<p><i>Liturgia da Palavra: DEUS NOS FALA</i> <i>Acolhida da Bíblia</i> <i>1ª Leitura</i> <i>Salmo Responsorial</i> <i>Aclamação ao Evangelho</i> <i>Proclamação do Evangelho</i> <i>Partilha da Palavra</i> <i>Profissão de Fé.</i></p>
<p><i>Momento do Louvor: DEUS NOS FAZ IRMÃOS</i> <i>Preces da Comunidade</i> <i>Momento de Ação de Graças</i> <i>Canto de Louvação</i> <i>Pai-nosso</i> <i>Abraço da Paz</i></p>
<p><i>Ritos Finais: DEUS NOS ENVIA</i> <i>Oração Final</i> <i>Notícias e avisos</i> <i>Canto Final</i> <i>Bênção Final</i></p>

ROTEIRO C

<p><i>Ritos Iniciais: VAMOS COMEÇAR</i> <i>Canto de Acolhida</i> <i>Procissão de entrada (Cruz, Velas, Bíblia)</i> <i>Comentário e saudação</i></p>
<p><i>Hino de Louvor e Oração</i></p>
<p><i>Liturgia da Palavra: VAMOS OUVIR e ACOLHER a PALAVRA</i> <i>1ª Leitura</i> <i>Aclamação ao Evangelho</i></p>

<i>Proclamação do Evangelho</i> <i>Partilha da Palavra</i> <i>Profissão de Fé</i>
<i>VAMOS LOUVAR E AGRADECER</i> <i>Orações da Comunidade</i> <i>A comunidade oferece dons(coleta do dízimo)</i>
<i>Ritos da Comunhão: VAMOS PARTICIPAR DA COMUNHÃO</i>
<i>Ritos Finais:</i> <i>Oração Final</i> <i>Avisos</i> <i>Canto Final</i>

ROTEIRO D

<i>Ritos Iniciais:</i> <i>Procissão de Entrada com símbolos</i> <i>Acolhida dos irmãos</i> <i>Motivação e Saudação inicial</i> <i>Evocação da Misericórdia de Deus</i>
<i>Liturgia da Palavra:</i>
<i>Procissão da Bíblia:</i> <i>1ª Leitura</i> <i>Salmo Responsorial</i> <i>Aclamação ao Evangelho</i> <i>Proclamação do Evangelho</i> <i>Partilha da Palavra</i> <i>Profissão de Fé</i>
<i>Momento do Louvor:</i> <i>Orações e Súplicas da comunidade</i> <i>Ofertas, gesto concreto de solidariedade</i> <i>Pai-nosso.</i>
<i>Ritos de Comunhão (onde for possível)</i>
<i>Ritos Finais:</i> <i>Momento de silêncio</i> <i>Oração final</i> <i>Avisos e Bênção Final</i>

ROTEIRO E

Celebração da Palavra lembrando a Vigília Pascal, para os domingos do Tempo Pascal e Tempo Comum.

<i>Ritos Iniciais:</i> <i>Entrada com o Círio ou velas acesas</i>
<i>Palavra de Deus:</i> <i>Palavra de Deus</i> <i>Leitura Bíblica</i> <i>Salmo responsorial</i> <i>Aclamação ao Evangelho</i> <i>Proclamação do Evangelho</i> <i>Homília ou Partilha da Palavra</i>
<i>Resposta da Comunidade:</i> <i>Profissão de Fé e aspersão com água</i> <i>Louvores e ação de graças</i> <i>Oração dos Fiéis (ladainha dos Santos)</i> <i>Pai-nosso</i> <i>Abraço da Paz</i> <i>Partilha fraterna</i>

<i>Oração Final</i>
<i>Ritos Finais:</i> <i>Avisos</i> <i>Bênção, Despedida</i> <i>Canto a Maria</i>

ROTEIRO F

Celebração onde são proclamados os sinais de sofrimento, os sinais de vida, de ressurreição e de esperança.

<i>Ritos Iniciais:</i> <i>Canto de Entrada</i> <i>Saudação e motivação</i> <i>Oração</i>
<i>Partilhando a vida vivida</i>
<i>Comparando a vida com a Bíblia</i>
<i>Rito Penitencial</i>
<i>Oração dos Fiéis:</i> <i>Pai-nosso,</i> <i>Louvor e ação de graças</i> <i>Profissão de fé,</i>
<i>Comunhão</i>
<i>Partilha Fraternal</i>
<i>Avisos, Bênção, despedida, Abraço da Paz</i>

ROTEIRO G

Celebração da Palavra e celebração da Comunhão (Adaptação da missa dos pré-santificados da Liturgia Bizantina)

<i>Ritos Iniciais:</i> <i>Entrada e bênção com a Bíblia</i>
<i>Salmos</i>
<i>Procissão da Bíblia até a Estante:</i> <i>Leituras, aclamação ao Evangelho,</i> <i>Evangelho, homília</i>
<i>Oração dos Fiéis</i>
<i>Oração da Paz e abraço de Paz</i>
<i>Procissão com o Pão Consagrado</i>
<i>Oração de Louvor</i>
<i>Rito Penitencial, Pai-nosso e Vosso é o Reino</i>
<i>Comunhão, silêncio, oração</i>
<i>Avisos, Bênção, despedida, canto a Maria</i>

ROTEIRO H

Celebração da Palavra com Celebração Penitencial

<i>Ritos Iniciais:</i> <i>Motivação</i> <i>Canto de entrada e Procissão com símbolos</i> <i>Saudação</i> <i>Aspersão com Água:</i> – <i>Entrada da água</i> – <i>Oração de Bênção da água</i>

– <i>Aspersão e canto</i>
<i>Liturgia da palavra: Leitura Bíblica</i>
<i>Súplica à Misericórdia, salmos</i>
<i>Homilia ou partilha da Palavra</i>
<i>Momento de Reconciliação:</i> <i>Procissão da Cruz, canto</i> <i>Exame de consciência</i> <i>Súplica de perdão pelos pecados cometidos</i> <i>Pai-nosso</i> <i>Confissão individual (onde for possível)</i> <i>Escolha de um gesto penitencial</i>
<i>Momento de Ação de Graças</i> <i>Louvor à Misericórdia do Pai, salmo</i> <i>Abraço da Paz</i>
<i>Ritos finais, Bênção e Canto</i>

Nota:1

Congregação para o culto divino, Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero (CDAP), n.20.

Nota:2

Congregação para o culto divino, Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero (CDAP), n.20.

Nota:3

SC 35.4: “Promovam-se celebrações da palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em certos dias da quaresma e do advento, nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes. Nesse caso a celebração pode ser presidida por um diácono ou por outro delegado do bispo”.

Nota:4

Puebla, 900: “A falta de ministros, a dispersão populacional e a situação geográfica do Continente fizeram crescer a consciência da utilidade das celebrações da Palavra e da importância de servir-se dos meios de comunicação social (rádio e televisão) para alcançar a todos”.

Nota:5

Medellín 9, 14: “Incrementem-se as sagradas celebrações da Palavra, conservando sua relação com os sacramentos nos quais ela alcança sua máxima eficácia e particularmente com a Eucaristia. Promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra, segundo o teor do Decreto sobre o Ecumenismo n. 8, e seguindo as normas do Diretório n.33-35”.

Doc. CNBB 26, n.229: “Assim a comunidade cristã se esforçará para celebrar a Eucaristia principalmente no domingo, como Dia do Senhor, celebração da Páscoa semanal, fundamento e núcleo do Ano Litúrgico (cf. SC 106). Esse dia deve ser guardado como de preceito e celebrado com particular solenidade (cf. Cân 1246 e 1247). Também quando os fiéis se reúnem sem padre, em nossas comunidades, para celebrar o Dia do Senhor, alimentando a sua vida cristã com o Pão da Palavra de Deus, estão unidos à celebração da Eucaristia na Paróquia. Cresce essa união e participação real através da atuação dos Diáconos Permanentes e dos ministros não ordenados, autorizados a conservar e distribuir a Sagrada Comunhão às pessoas devidamente preparadas”.

Nota:6

Puebla, 944: “Fomentar as celebrações da palavra dirigidas por diáconos ou leigos (homens ou mulheres)”.

Nota:7

cf. **Puebla, 946**: “Aproveitar como ocasiões propícias de evangelização a celebração da palavra nos funerais e nos atos de piedade popular”.

cf. também OLM, n.7.

Nota:8

Puebla, 929: “As celebrações da Palavra, com uma abundante, variada e bem escolhida leitura da Sagrada Escritura, são de muito proveito para a comunidade, principalmente onde não há presbíteros e, sobretudo, para a realização do culto dominical”.

Nota:9

cf. **CNBB, Doc. 43, n.97**: “É nesta celebração que muitas de nossas comunidades encontram o alimento de sua vida cristã. Formadas por gente simples, em luta pela sobrevivência e mais abertas à solidariedade, estas comunidades espontaneamente unem a Escritura à vida e, criativamente, integram preciosos elementos da religiosidade popular”.

Nota:10

cf. **CNBB, Doc. 3, n.93**: “No Brasil a maioria do povo fiel, em milhares de comunidades, que não contam ordinariamente com o presbítero, através da Palavra celebram o mistério de Cristo em suas vidas. E sendo a Palavra de per si, depois dos sacramentos, o modo mais importante de celebrar, temos mais de um motivo para refletir sobre esta forma de celebração, como o vem fazendo, aliás, a própria Sé Apostólica em nível universal”.

Nota:11

cf. **Ordo Lectionum Missae (OLM)**, n.3.

Nota:12

cf. **CNBB Doc. 26, n.71**: “Onde se situa a catequese em face da Revelação? Convém agora retomar esta pergunta e concluir. Vimos que a *Palavra de Deus está viva* e atuante hoje na comunidade eclesial. Em outras

palavras: Deus continua a falar aos homens em Cristo, pelo Espírito. É ele que fala, que se comunica. Mas através de mediações”.

Nota:13

Hb 4,12: “A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam; ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos.”

Nota:14

cf. CNBB, Doc. 43, n. 77: “A seguir, a Palavra de Deus, comunicação do próprio Deus, que nos convoca para celebrar a Aliança, ilumina nosso caminho e alimenta nossa vida. Primeiro porque Deus mesmo revelou o seu plano através de acontecimentos, cujo sentido foi captado e transmitido, sob inspiração do próprio Deus, através de palavras humanas, que hoje constituem o texto sagrado, objeto e alimento de nossas celebrações”.

cf. também **OLM**, n.4.

Nota:15

Is 55,10-11: “Da mesma forma como a chuva e a neve, que caem do céu e para lá não voltam sem antes molhar a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, a fim de produzir semente para o semeador e alimento para quem precisa comer, assim acontece com a minha palavra que sai de minha boca: ela não volta para mim sem efeito, sem ter realizado o que eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual eu a mandei”.

Nota:16

2Cor 6,7: “pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça”.

Nota:17

Salmo 148,5: “Louvem o nome de Javé, pois ele mandou e foram criados”.

Nota:18

cf. **S. Agostinho**, in Ioann. Ev. tract. 30,7.

Nota:19

Ef 1,9: “Ele nos fez conhecer o mistério da sua vontade, a livre decisão que havia tomado outrora”.

Ef 3,9: “E de esclarecer a todos como se realiza o mistério que esteve sempre escondido em Deus, o criador do universo”.

Cl 1,27: “Deus quis manifestar aos cristãos a riqueza gloriosa que este mistério representa para os pagãos, isto é, o fato de que Cristo, a glória esperada, está em vocês”.

1Tm 3,16: “De fato, como é grande o mistério da piedade: ele se manifestou na carne, foi justificado no espírito, apareceu aos anjos, foi anunciado aos pagãos, foi acreditado no mundo e exaltado na glória”.

Nota:20

SC 7, 33: “Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, *pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*, mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu *estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome* (Mt 18, 20)”.

EM 9: “A fim de que os fiéis possam conseguir uma compreensão mais completa do Mistério Eucarístico, sejam eles esclarecidos também a respeito dos principais modos pelos quais o próprio Cristo está presente à sua Igreja, nas celebrações litúrgicas.

Ele está sempre presente na assembléia em que os fiéis estão reunidos em seu nome (cf. Mt 18,20).

Ainda Ele está presente na sua palavra, porque Ele mesmo fala quando se lêem as Sagradas Escrituras, na Igreja.

No Sacrifício Eucarístico, Ele está presente seja na pessoa do ministro, pois quem agora oferece por meio do ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz, seja e isso em grau eminente debaixo das Espécies Eucarísticas. Pois naquele sacramento, de modo singular, está Cristo todo e inteiro, Deus e homem, substancial e ininterruptamente. Esta presença de Cristo debaixo das Espécies é chamada real, não por exclusão, como se as outras não fossem reais, mas por excelência”.

IGMR 33: “A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cânticos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis. Pois nas leituras explanadas pela homilia Deus fala ao seu povo, revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual; e o próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis. Pelos cânticos, o povo se apropria dessa palavra de Deus e a ele adere pela profissão de fé. Alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro”.

Doc. 43, n.78: “A celebração da Palavra de Deus na Liturgia é presença do mistério de Cristo agindo aqui e agora, com sua divina proposta, que aguarda nossa resposta concreta e generosa”.

Mt 18,20: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles”.

Mc 16,19-20: “Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi levado ao céu, e sentou-se à direita de Deus. Os discípulos então saíram e pregaram por toda parte. O Senhor os ajudava e, por meio dos sinais que os acompanhavam, provava que o ensinamento deles era verdadeiro”.

Nota:21

Didaqué, IV. 1: “Meu filho, lembre-se dia e noite daquele que anuncia a palavra de Deus para você e honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois o Senhor está presente onde é anunciada a soberania do Senhor”.

Hb 13,7: “Lembrem-se dos dirigentes, que ensinaram a vocês a Palavra de Deus. Imitem a fé que eles tinham, tendo presente como eles morreram”.

Nota:22

cf. **OLM**, n.4.

Nota:23

CDAP, n.20.

Nota:24

Jo 20,19-26: “Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: A paz esteja com vocês. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor.

Jesus disse de novo para eles: A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: Recebam o Espírito Santo. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados.

Tomé, chamado Gêmeo, que era um dos Doze, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos disseram para ele: Nós vimos o Senhor. Tomé disse: Se eu não vir a marca dos pregos nas mãos de Jesus, se eu não colocar o meu dedo na marca dos pregos, e se eu não colocar a minha mão no lado dele, eu não acreditarei.

Uma semana depois, os discípulos estavam reunidos de novo. Dessa vez, Tomé estava com eles. Estando fechadas as portas, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: A paz esteja com vocês”.

Jo 21,4ss: “Quando amanheceu, Jesus estava na margem. Mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Então Jesus disse: Rapazes, vocês têm alguma coisa para comer? Eles responderam: Não. Então Jesus falou: Joguem a rede do lado direito da barca, e vocês acharão peixe. Eles jogaram a rede e não conseguiam puxá-la para fora, de tanto peixe que pegaram”.

Lc 24,30-32: “Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?”.

Nota:25

Jo 16,15: “Tudo o que pertence ao Pai, é meu também. Por isso é que eu disse: o Espírito vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês”.

Jo 14,26: “Mas o Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse”.

Nota:26

Rm 8,26: “Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis”.

Gl 4,6: “A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!”.

Nota:27

1Cor 13,3: “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria”.

Nota:28

cf. **OLM** (Ordo Lectionum Missae), n.6.

Tg 1,22: “Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a si mesmos”.

Nota:29

Hb 13,8: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo”.

Nota:30

cf. **SC 7:** “Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, *pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*, mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu *estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome* (Mt 18, 20).

Cristo age sempre e tão intimamente unido à Igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e, por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai.

Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça.

Toda celebração litúrgica, pois, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja, é ação sagrada num sentido único, não igualado em eficácia nem grau por nenhuma outra ação da Igreja”.

GS 1; 26: “1. As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.

A comunidade dos discípulos de Cristo é formada por homens e mulheres que, reunidos em Cristo e guiados pelo Espírito Santo em sua busca do reino de Deus, sentem-se real e intimamente unidos a todo o gênero humano e à sua história, por terem recebido a mensagem da salvação para comunicar a todos.

26. O bem comum é a soma das condições sociais que permite, tanto às pessoas como aos grupos humanos, alcançar mais fácil e plenamente a perfeição a que são chamados.

A crescente interdependência entre os seres humanos, que se estende progressivamente ao mundo inteiro, torna o bem comum cada vez mais universal, abrangendo direitos e deveres em relação a todo o gênero humano.

Cada grupo deve considerar as necessidades e as legítimas aspirações dos outros, e de toda a família humana. Cresce igualmente a consciência da dignidade superior da pessoa, que está acima de tudo, dotada de direitos e de deveres universais e invioláveis.

O ser humano tem direito a tudo de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, roupa, moradia, liberdade na escolha do seu estado de vida e na constituição de sua família, educação, trabalho, reputação, respeito, informação objetiva, liberdade de agir segundo a norma de sua consciência reta, privacidade e gozo de uma justa liberdade, inclusive religiosa.

Numa ordem social justa, o bem das pessoas passa na frente do progresso, de tal forma que a ordem das coisas está sujeita ao bem das pessoas, e não vice-versa. Como disse o Senhor, o sábado é para o homem e

não o homem para o sábado. A ordem social deve ir se aperfeiçoando dia após dia, baseada na verdade, edificada segundo a justiça e animada pelo amor, obtendo-se aos poucos um equilíbrio cada vez mais humano entre as liberdades. Tudo isso requer porém uma nova mentalidade e profundas transformações sociais. O Espírito de Deus, que dirige o curso da história com admirável providência e renova a face da terra, preside a essa evolução. O fermento do Evangelho despertou e continua alimentando, no coração humano, uma irrefreável exigência de dignidade”.

CNBB, Doc. 43, n.53: “As maravilhas operadas por Deus no Êxodo visavam reunir o povo no Sinai para constituir-lo povo sacerdotal.

Jesus Cristo, o sumo sacerdote da fé que professamos (cf. Hb 3,1) também reúne seu povo, a quem, pelo Batismo, deu participar do seu sacerdócio. Assim o novo povo de Deus, que está no mundo vivenciando as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias com todos os homens e mulheres de hoje, sobretudo com os pobres, é convocado para assembleias, a fim de exercer de modo eminente o seu sacerdócio com Cristo, por Cristo e em Cristo”.

Nota:31

cf. **SC 10:** “Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem *unânimes na piedade*, depois de participarem dos *sacramentos pascais*, para que *na vida conservem o que receberam na fé*. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja”.

Nota:32

cf. **Puebla, 918:** “A liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo; é o ápice e a fonte da vida eclesial. É um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é também força em nosso peregrinar, para que se leve a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus”.

Nota:33

PO 4: “Antes de tudo, o que reúne o povo de Deus é a palavra que sai da boca do sacerdote. Como ninguém se salva sem fé, os padres, como cooperadores dos bispos, têm o dever precípua de levar a todos o Evangelho de Deus, no cumprimento do mandamento do Senhor: *vão ao mundo inteiro e puguem o Evangelho a toda criatura*, constituindo e fazendo crescer o povo de Deus.

Graças à palavra da salvação, a fé é despertada no coração dos que não crêem e alimentada no coração dos fiéis, nascendo e crescendo, assim, a comunidade dos fiéis, de acordo com o que diz o apóstolo: *A fé vem do ouvir e o que se ouve é a palavra de Cristo* (Rm 10, 17). Os sacerdotes devem comunicar a todos a verdade do Evangelho para que todos possam estar com o Senhor. Levem a Deus, quer vivendo honestamente entre o povo, quer pregando o mistério de Cristo aos que não o reconhecem, quer ensinando a doutrina da Igreja ou catequizando os fiéis. Discutam, as questões atuais à luz de Cristo, baseados não na sua sabedoria, mas na palavra de Deus, procurando ensinar a todos, convidando-os à conversão e à maior santidade.

A pregação é especialmente difícil nos dias de hoje. Para falar de fato às pessoas, evitem generalidades e abstrações e apliquem a verdade perene do Evangelho às circunstâncias sempre mutáveis da vida.

O ministério da palavra varia de acordo com a necessidade dos ouvintes e os dons dos pregadores.

Nas regiões ou ambientes não cristãos, o anúncio do Evangelho deve atrair os seres humanos à fé e aos sacramentos da salvação; na comunidade, em relação aos que são menos instruídos, como praticam, crêem. A pregação é uma exigência dos próprios sacramentos, que são sacramentos da fé, nascidos e alimentados pela palavra. Isso vale, especialmente, para a liturgia da palavra, na missa, em que estão inseparavelmente unidos o anúncio da morte e da ressurreição de Jesus, a resposta do povo, a oblação com que Cristo confirmou a nova aliança no seu sangue e a comunhão, de desejo ou sacramental, dos fiéis, nessa mesma oblação”.

cf. também **OLM** (Ordo Lectionum Missae), n. 7.

Nota:34

Lc 24,27: “Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele”.

Nota:35

OLM (Ordo Lectionum Missae), n.9.

Nota:36

CNBB Doc. 43, n. 39-40, 84: “39. Sendo um momento em que se evoca o fato passado para revivê-lo intensamente no nosso hoje, a celebração ocupa, na Religião, um lugar privilegiado: porque põe homens e mulheres em comunhão entre si e com Deus através de símbolos ou sinais. No cristianismo, a celebração consiste na memória do acontecimento fundante do Povo de Deus, isto é, a morte e ressurreição do Senhor, que perpetua na História a salvação que Cristo veio trazer a todos.

40. Em nossas celebrações religiosas há muitos objetos, gestos e atitudes especiais de pessoas: altar, cruz, livros, luzes, toalhas, palavras, mãos postas, mãos estendidas, sinal da cruz, genuflexão, procissões... Eles entram na Liturgia como símbolos ou sinais significativos.

84. A força dos símbolos e sinais, sobretudo quando retirados da vida e cultura do povo, completa a grande variedade de elementos da nossa Liturgia”.

Nota:37

SC 7: “Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, *pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*, mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu *estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome* (Mt 18, 20).

Cristo age sempre e tão intimamente unido à Igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e, por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai. Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça.

Toda celebração litúrgica, pois, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja, é ação sagrada num sentido único, não igualado em eficácia nem grau por nenhuma outra ação da Igreja”.

Nota:38

IGMR 20: “A posição comum do corpo, que todos os participantes devem observar, é sinal da comunidade e da unidade da assembléia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes.

As atitudes corporais, os gestos e as palavras com que se exprime a ação litúrgica e se manifesta a participação dos fiéis, não recebem seu significado unicamente da experiência humana, de onde são tirados, mas também da Palavra de Deus e da economia da salvação, à qual se referem (OLM, n. 6)”.

Nota:39

Mt 28,17: “Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante dele. Ainda assim, alguns duvidaram”.

Nota:40

1Jo 1,3: “Isso que vimos e ouvimos, nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco”.

Nota:41

cf. **IGMR 58:** “Para promover o bem pastoral dos fiéis, é lícito celebrar nos domingos do tempo comum as celebrações pelas quais tenham grande apreço e que ocorram durante a semana, contanto que na tabela de precedência elas se antepõem ao próprio domingo. Estas celebrações podem ser realizadas em todas as Missas celebradas com o povo”.

cf. Também **Ordo Lectionum Missae**, n.8.

Nota:42

Jo 4,23: “Mas está chegando a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade. Porque são estes os adoradores que o Pai procura”.

Nota:43

cf. **OLM** (Ordo Lectionum Missae), n.6.

Nota:44

Hb 4,12: “A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam; ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos”.

Nota:45

Lc 19,8: “Zaqueu ficou de pé, e disse ao Senhor: A metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres; e, se roubei alguém, vou devolver quatro vezes mais”.

Nota:46

At 8,31-33: “O eunuco respondeu: Como posso entender, se ninguém me explica? Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele. A passagem da Escritura que o eunuco estava lendo era esta: Ele foi levado como ovelha ao matadouro. E como um cordeiro perante o seu tosquiador, ele ficava mudo e não abria a boca. Eles o humilharam e lhe negaram justiça. Seus descendentes, quem os poderá enumerar? Pois sua vida foi arrancada da terra”.

Nota:47

cf. **CDAP**, 1; cf. **OLM**, n. 44.

Nota:48

EM 10: “Os fiéis ao escutarem a Palavra de Deus reconheçam que as maravilhas anunciadas atingem o ponto alto no mistério pascal, cujo memorial é sacramentalmente celebrado na Missa. Assim, recebendo a Palavra de Deus e por ela alimentados, os fiéis na ação de graças são levados a uma frutuosa participação nos mistérios da salvação”.

cf. também **Ordo Lectionum Missae**, n.24.

Nota:49

“A Igreja sempre venerou as Divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor” (DV 21; cf. SC 48); “Como Cristo veio escondido no Corpo... assim também toda a Sagrada Escritura é sua incorporação” (Orígenes, Com.Series in Mt.27, CCS 38, 45); “Vocês que podiam participar dos Santos Mistérios, sabem: Quando Ihes é dado o Corpo de Cristo, vocês o guardam com todo o cuidado e veneração, para que nada caia no chão e nada se perca do dom sagrado. Porque vocês se sentem culpados, se algo cair por negligência. Se tomam tanto cuidado para guardar o seu Corpo e têm razão como podem então pensar que seja uma culpa menor, desprezar a Palavra de Deus?” (Orígenes, Homilias sobre Haxat. na Tradução de Rufino, Ex 13,3. CCS 29, 274). “A Palavra de Cristo não é menos do que o Corpo de Cristo” (Cesário de Arles, in Serm. 78,2); “Bebe-se o Cristo no cálice das Escrituras como no cálice Eucarístico” (S. Agostinho, Enrr. In Ps 1.33); “O verdadeiro Cristo está na sua Palavra e na carne” (S. Agostinho, In Ev. Joannis, Tract. 26, 12; CCL. PL 36,266).

DV 21: “A Igreja sempre honrou as Escrituras como corpo do Senhor, especialmente na santa liturgia, em cuja mesa não deve faltar nem a palavra de Deus, nem o corpo do Senhor, para serem dados aos fiéis.

A Igreja sempre considerou e considera as Escrituras, juntamente com a sagrada Tradição, sua suprema regra de fé. Inspiradas por Deus e definitivamente escritas, nos comunicam de maneira imutável a palavra do próprio Deus e nos fazem ouvir a voz do Espírito Santo, através dos escritos proféticos e apostólicos.

Toda a pregação eclesial, como a própria religião cristã, deve-se alimentar e ser orientada pela Escritura. Nos livros sagrados, o Pai que está no céu vem amorosamente falar a seus filhos. É tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que ela sustenta e dá vigor à Igreja, corrobora a fé de seus filhos, alimenta a alma, jorra como fonte pura e perene da vida espiritual.

Aplica-se à Escritura o que se lê: A palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4, 12) tem o poder de edificar e de dar a vocês a herança entre todos os santificados (At 20, 32; cf. 1Ts 2, 13)”.

SC 48: “A Igreja procura fazer com que os fiéis estejam presentes a este mistério, não como estranhos ou simples espectadores, mas como participantes conscientes, piedosos e ativos. Devem entender o que se passa,

instruir-se com a palavra de Deus e alimentar-se da mesa do corpo do Senhor. Dar graças a Deus, sabendo que a hóstia imaculada, oferecida não só pelas mãos dos sacerdotes, mas também pelos fiéis, representa o oferecimento cotidiano de si mesmos até que se consuma, pela mediação de Cristo, a unidade com Deus e entre si, e Deus venha, enfim, a ser tudo em todos”.

Nota:50

OLM (Ordo Lectionum Missae) n.10.

Nota:51

IGMR 8: “A Missa consta, por assim dizer, de duas partes, a saber: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, tão intimamente unidas entre si, que constituem um só ato de culto. De fato, na Missa se prepara tanto a mesa da Palavra de Deus como a do Corpo de Cristo, para ensinar e alimentar os fiéis. Há também alguns ritos que abrem e encerram a celebração”.

EM 10: “Os fiéis ao escutarem a Palavra de Deus reconheçam que as maravilhas anunciadas atingem o ponto alto no mistério pascal, cujo memorial é sacramentalmente celebrado na Missa. Assim, recebendo a Palavra de Deus e por ela alimentados, os fiéis na ação de graças são levados a uma frutuosa participação nos mistérios da salvação. Assim a Igreja se alimenta do pão da vida quer à mesa da palavra de Deus, quer à do Corpo de Cristo”.

SC 48, 51: “48. A Igreja procura fazer com que os fiéis estejam presentes a este mistério, não como estranhos ou simples espectadores, mas como participantes conscientes, piedosos e ativos. Devem entender o que se passa, instruir-se com a palavra de Deus e alimentar-se da mesa do corpo do Senhor. Dar graças a Deus, sabendo que a hóstia imaculada, oferecida não só pelas mãos dos sacerdotes, mas também pelos fiéis, representa o oferecimento cotidiano de si mesmos até que se consuma, pela mediação de Cristo, a unidade com Deus e entre si, e Deus venha, enfim, a ser tudo em todos.

Para que o sacrifício da missa alcance seus objetivos pastorais, inclusive na forma com que é celebrado, o concílio, tendo em vista, sobretudo, as missas a que ocorre o povo, nos domingos e dias festivos, resolve:

51. Quanto mais a palavra de Deus for oferecida aos fiéis, maior acesso terão aos tesouros da Bíblia. Por isso, deve-se ler uma parte bem maior das Escrituras, nos espaços litúrgicos que lhe são reservados cada ano”.

PO 4: “Antes de tudo, o que reúne o povo de Deus é a palavra que sai da boca do sacerdote. Como ninguém se salva sem fé, os padres, como cooperadores dos bispos, têm o dever precípua de levar a todos o Evangelho de Deus, no cumprimento do mandamento do Senhor: *vão ao mundo inteiro e preguem o Evangelho a toda criatura*, constituindo e fazendo crescer o povo de Deus.

Graças à palavra da salvação, a fé é despertada no coração dos que não crêem e alimentada no coração dos fiéis, nascendo e crescendo, assim, a comunidade dos fiéis, de acordo com o que diz o apóstolo: *A fé vem do ouvir e o que se ouve é a palavra de Cristo* (Rm 10, 17). Os sacerdotes devem comunicar a todos a verdade do Evangelho para que todos possam estar com o Senhor. Levem a Deus, quer vivendo honestamente entre o povo, quer pregando o mistério de Cristo aos que não o reconhecem, quer ensinando a doutrina da Igreja ou catequizando os fiéis. Discutam, as questões atuais à luz de Cristo, baseados não na sua sabedoria, mas na palavra de Deus, procurando ensinar a todos, convidando-os à conversão e à maior santidade.

A pregação é especialmente difícil nos dias de hoje. Para falar de fato às pessoas, evitem generalidades e abstrações e apliquem a verdade perene do Evangelho às circunstâncias sempre mutáveis da vida.

O ministério da palavra varia de acordo com a necessidade dos ouvintes e os dons dos pregadores.

Nas regiões ou ambientes não cristãos, o anúncio do Evangelho deve atrair os seres humanos à fé e aos sacramentos da salvação; na comunidade, em relação aos que são menos instruídos, como praticam, crêem. A pregação é uma exigência dos próprios sacramentos, que são sacramentos da fé, nascidos e alimentados pela palavra. Isso vale, especialmente, para a liturgia da palavra, na missa, em que estão inseparavelmente unidos o anúncio da morte e da ressurreição de Jesus, a resposta do povo, a oblação com que Cristo confirmou a nova aliança no seu sangue e a comunhão, de desejo ou sacramental, dos fiéis, nessa mesma oblação”.

DV 21: “A Igreja sempre honrou as Escrituras como corpo do Senhor, especialmente na santa liturgia, em cuja mesa não deve faltar nem a palavra de Deus, nem o corpo do Senhor, para serem dados aos fiéis.

A Igreja sempre considerou e considera as Escrituras, juntamente com a sagrada Tradição, sua suprema regra de fé. Inspiradas por Deus e definitivamente escritas, nos comunicam de maneira imutável a palavra do próprio Deus e nos fazem ouvir a voz do Espírito Santo, através dos escritos proféticos e apostólicos.

Toda a pregação eclesial, como a própria religião cristã, deve-se alimentar e ser orientada pela Escritura. Nos livros sagrados, o Pai que está no céu vem amorosamente falar a seus filhos. É tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que ela sustenta e dá vigor à Igreja, corrobora a fé de seus filhos, alimenta a alma, jorra como fonte pura e perene da vida espiritual.

Aplica-se à Escritura o que se lê: A palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4, 12) tem o poder de edificar e de dar a vocês a herança entre todos os santificados (At 20, 32; cf. 1Ts 2, 13)”.

Nota:52

OLM (Ordo Lectionum Missae) n.10.

Nota:53

EM 6: “A catequese sobre o mistério eucarístico deve ter em mira gravar no espírito dos fiéis que a celebração da Eucaristia é verdadeiramente o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja universal como para as comunidades locais dessa mesma Igreja. Pois os demais sacramentos, como aliás todos os mistérios eclesiais e tarefas apostólicas, se ligam à sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, dando vida aos homens, através de sua carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo. Desta forma são os homens convidados e levados a oferecer a si próprios, seus trabalhos e todas as coisas criadas, junto com ele.

A comunhão da vida divina e a unidade do povo de Deus, que formam o fundamento da Igreja, são adequadamente simbolizadas e maravilhosamente produzidas pela Eucaristia. Nela se encontra o remate da ação com que Deus santifica o mundo em Cristo e do culto que os homens prestam a Cristo e, por meio dele, ao Pai no Espírito Santo; e a sua celebração contribui do modo mais excelente para que os fiéis exprimam em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja”.

Nota:54

EM 7 e 8: “7. Pela Eucaristia, a Igreja vive e cresce continuamente. Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, que, unidas com seus Pastores, são também elas, no Novo Testamento, chamadas Igrejas. Estas são, em seu lugar, o povo novo chamado por Deus, no Espírito Santo e em grande plenitude (cf. 1Ts 1,5). Nelas se reúnem os fiéis pela pregação do Evangelho de Cristo. Nelas se celebra o mistério da Ceia do Senhor, a fim de que, comendo e bebendo o Corpo e o Sangue do Senhor, os irmãos se unam intimamente. Em comunidade de altar, unida para o sacrifício, sob o ministério sagrado do bispo ou do sacerdote que faz as vezes de bispo, manifesta-se o símbolo daquela caridade e unidade do corpo místico, sem a qual não pode haver salvação. Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se consorcia a Igreja, una, santa, católica e apostólica. Pois a participação do Corpo e Sangue de Cristo não faz outra coisa senão transformar-nos naquilo que tomamos.

8. Além daquilo que respeita à comunidade eclesial e a cada fiel, os Pastores dirijam a sua atenção, com desvelo, também para aquela parte da doutrina em que a Igreja ensina que o Memorial do Senhor, celebrado conforme a sua própria vontade, significa e produz a unidade de todos os que nele crêem.

De acordo com o Decreto sobre o Ecumenismo do Concílio Vaticano II, os fiéis devem ser conduzidos para a justa estima dos bens que são conservados na tradição eucarística, segundo a qual os irmãos de outras confissões cristãs costumam celebrar a Ceia do Senhor. Ora, quando na Santa Ceia fazem a memória da morte e da ressurreição do Senhor, elas confessam ser significada a vida na comunhão de Cristo e esperam seu glorioso advento. Mas os que conservaram o sacramento da Ordem, na celebração da Eucaristia unidos ao bispo tem acesso a Deus Pai mediante o Filho, o Verbo encarnado, morto e glorificado, na efusão do Espírito Santo, e entram em comunhão com Santíssima Trindade, feitos participantes da natureza divina (2Pd 1,4). Por isso, pela celebração da Eucaristia do Senhor, em cada uma dessas Igrejas, a Igreja de Deus é edificada e cresce, e pela celebração se manifesta a comunhão entre elas.

Sobretudo na celebração do mistério da unidade, convém que todos os cristãos sintam pesar pelas divisões que os separam. Dirijam, portanto, orações a Deus para que todos os discípulos de Cristo compreendam, cada dia mais profundamente, o Mistério da Eucaristia, em seu verdadeiro sentido, e que o celebrem de tal maneira que, tornados participantes do Corpo de Cristo, constituam um só corpo (cf. 1Cor 10,17) unido pelos mesmos laços, como ele mesmo quis que fosse formado”.

cf. também **CDAP**, n. 25

Nota:55

cf. **Instr. Euch. Mysterium**, n.2.

Nota:56

cf. **Instr. Euch. Mysterium**, n.3.

Nota:57

At 20,7: “No primeiro dia da semana, estávamos reunidos para a fração do pão. Paulo, que devia partir no dia seguinte, dirigia a palavra aos fiéis, e prolongou o discurso até meia-noite”.

Ap 1,10: “No dia do Senhor, o Espírito tomou conta de mim. E atrás de mim ouvi uma voz forte como trombeta”.

1Cor 16,2: “Todo primeiro dia da semana, cada um coloque de lado aquilo que conseguiu economizar; desse modo, vocês não precisarão esperar que eu chegue para fazer a coleta”.

O Dia do Senhor Didaqué 14,1: “Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro”.

S. Justino, I Apologia 67, 7: “Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame”.

Nota:58

Mt 28,1: “Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura”.

Mc 16,1-2: “Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para unguir o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo”.

Lc 24,1-12: “No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida. Mas ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus, e ficaram sem saber o que estava acontecendo. Nisso, dois homens, com roupas brilhantes, pararam perto delas. Cheias de medo, elas olhavam para o chão. No entanto, os dois homens disseram: Por que vocês estão procurando entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está aqui! Ressuscitou! Lembrem-se de como ele falou, quando ainda estava na Galiléia: O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos pecadores, ser crucificado, e ressuscitar no terceiro dia. Então as mulheres se lembraram das palavras de Jesus. Voltaram do túmulo, e anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros. Eram Maria Madalena, Joana, e Maria, mãe de Tiago. Também as outras mulheres que estavam com elas contaram essas coisas aos apóstolos. Contudo, os apóstolos acharam que eram tolices o que as mulheres contavam e não acreditaram nelas. Pedro, porém, levantou-se e correu para o túmulo. Inclinou-se, e viu apenas os lençóis de linho. Então voltou para casa, admirado com o que havia acontecido”.

Jo 20,1-19: “No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo que Jesus amava. E disse para eles: Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o colocaram. Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao túmulo. Os dois corriam juntos. Mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao túmulo. Inclinando-se, viu os panos de linho no chão, mas não entrou. Então Pedro, que vinha correndo atrás, chegou também e entrou no túmulo. Viu os panos de linho estendidos no chão e o sudário que tinha sido usado para cobrir a cabeça de Jesus. Mas o sudário não estava com os panos de linho no chão; estava enrolado num lugar à parte.

Então o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo, entrou também. Ele viu e acreditou. De fato, eles ainda não tinham compreendido a Escritura que diz: Ele deve ressuscitar dos mortos. Os discípulos, então, voltaram para casa.

Maria tinha ficado fora, chorando junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. Viu então dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um na cabeceira e outro nos pés. Então os anjos perguntaram: Mulher, por que você está chorando? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o colocaram.

Depois de dizer isso, Maria virou-se e viu Jesus de pé; mas não sabia que era Jesus. E Jesus perguntou: Mulher, por que você está chorando? Quem é que você está procurando? Maria pensou que fosse o jardineiro, e disse: Se foi o senhor que levou Jesus, diga-me onde o colocou, e eu irei buscá-lo. Então Jesus disse: Maria. Ela virou-se e exclamou em hebraico: Rabuni! (que quer dizer: Mestre). Jesus disse: Não me segure, porque ainda não voltei para o Pai. Mas vá dizer aos meus irmãos: Subo para junto do meu Pai, que é Pai de vocês, do meu Deus, que é o Deus de vocês. Então Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: Eu vi o Senhor. E contou o que Jesus tinha dito.

Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: A paz esteja com vocês”.

At 4,31: “Quando terminaram a oração, estremeceu o lugar em que estavam reunidos. Todos, então, ficaram cheios do Espírito Santo e, com coragem, anunciavam a palavra de Deus”.

At 12,12: “Pedro então refletiu e foi para a casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muitos se haviam reunido para rezar”.

At 14,27: “Quando chegaram a Antioquia, reuniram a comunidade e contaram tudo o que Deus havia feito por meio deles: o modo como Deus tinha aberto a porta da fé para os pagãos”.

At 15,30: “Depois da despedida, Judas e Silas foram para Antioquia, reuniram a assembléia e entregaram a carta”.

1Cor 11,17-18: “Dito isso, não posso elogiar vocês, porque as suas assembléias, em vez de ajudá-los a progredir, os prejudicam. Antes de tudo, ouço dizer que, quando estão reunidos em assembléia, há divisões entre vocês. E, em parte, eu acredito nisso”.

Nota:59

1Cor 11,20: “De fato, quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor”.

At 20,7: “No primeiro dia da semana, estávamos reunidos para a fração do pão. Paulo, que devia partir no dia seguinte, dirigia a palavra aos fiéis, e prolongou o discurso até meia-noite”.

Didacué 14, 1-2: “1. Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro.

2. Aquele que está de briga com seu companheiro, não poderá juntar-se a vocês antes de se ter reconciliado, para que o sacrifício que vocês oferecem não seja profanado”.

S. Justino, I Apologia 67, 3-5: “3. No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se lêem, enquanto o tempo o permite, as Memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas.

4. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos.

5. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: Amém. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos..”.

Nota:60

cf. **At 2,42:** “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir o pão e nas orações”.

At 20,7-12: “Reuni-vos no dia do Senhor para a fração do pão e agradecei”.

Didacué 14,1: “Terminadas as orações... se apresentam ao que preside os irmãos pão e um cálice de água e vinho misturado... os que entre nós chamados diáconos dão a cada um dos presentes parte do pão, do vinho e da água eucaristizados”; S. Justino, I, Apologia 65,2-5; 67,5; Didascalia, II, 47,1; Tertuliano, De Oratione, 9, 4; S. Cipriano, Epist. 63, 15-16; SC 106.

Nota:61

At 2,1-4: “Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”.

Nota:62

At 2,4: “Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”.

At 1,8: “Mas o Espírito Santo descerá sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os extremos da terra”.

Jo 20,21-23: “Jesus disse de novo para eles: A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: Recebam o Espírito Santo. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados”.

Nota:63

cf. **Didascalia dos Aposts.**, V,20.

Nota:64

Ap 7,10-12: “Em alta voz, a multidão proclamava: A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro. Nessa hora, todos os Anjos que estavam ao redor do trono, dos Anciãos e dos quatro Seres vivos, ajoelharam-se diante do trono para adorar a Deus. E diziam: Amém! O louvor, a glória, a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força pertencem ao nosso Deus, para sempre. Amém!”.

Nota:65

Não podemos viver sem celebrar o domingo sine dominico non possumus (Ata dos Mártires X, BAC 75, p. 984; cf. Plínio, o Moço, Carta 10, 96(7) 7. O sentido cristão dos fiéis, quer no passado, quer hoje em dia, teve sempre em tão grande honra o domingo, que mesmo nos tempos de perseguição e nas regiões de cultura afastada ou até opostas à fé cristã, de nenhum modo aceitou substituir o dia do Senhor; **CDAP**, n.11.

Nota:66

cf. **1Cor 10,16-17**: “Em tua pregação, ó bispo, recomenda e persuade o povo a freqüentar a Igreja com assiduidade...e a não mutilar a Igreja, desligando-se dela, e a não amputar de um membro o Corpo de Cristo...Não priveis o Senhor de seus próprios membros. Não dividais o seu Corpo, não dissipéis os seus membros e não prefirais os negócios do século à Palavra Divina...” (Constituições Apostólicas, Livro II,59,1-3; Sources Chrétiennes 320, p.325).

Nota:67

Cada um deve ter a preocupação de ir à assembléia, onde floresce o Espírito Santo (Tradição Apostólica de Hipólito, p.64, Petrópolis, 1971).

Nota:68

cf. **CDAP**, n.15 e 16 : **Instr. Euchr. Mysterium, n.25**: “Cada vez que a comunidade se reúne para a celebração eucarística, anuncia a morte e ressurreição do Senhor, na esperança de sua vinda gloriosa. Isso, todavia, é posto em evidência na reunião dominical, a saber, naquele dia da semana em que o Senhor ressuscitou dos mortos e o mistério pascal, por tradição apostólica, é celebrado na Eucaristia , de maneira particular.

Ora, para que os fiéis observem, com convicção, o preceito da santificação desse dia festivo, e compreendam por que razão a Igreja os convoca para a celebração Eucarística em cada domingo, desde o início da sua formação religiosa, o domingo lhes deve ser lembrado e inculcado como o dia de festa primordial em que devem reunir-se para ouvir a Palavra de Deus e participar do mistério pascal.

Ainda mais, favoreça-se a iniciativa de fazer do domingo um dia de alegria e de descanso do trabalho”.

Nota:69

CDAP, n.16; cf. CNBB, Doc.43, n.116. O descanso dominical, contudo, não se reduz ao repouso necessário à restauração das energias gastas pelo esforço do trabalho. É muito mais que isso. É sobretudo um espaço de exercício da liberdade e da solidariedade. De liberdade, porque torna possível as ocupações de livre escolha, as que mais se prestam à afirmação e realização pessoais.

Nota:70

cf. **CNBB, Doc. 43, n. 117 e 118**: “117. Sentimos fundo no coração a deturpação do Domingo, imposta pelas injustiças e pelo consumismo de nossa época dominada pelo espírito secularista.

Alguns são obrigados a trabalhar no Domingo por imposição de suas profissões. A caridade com que exercem seus deveres é seu sacrifício espiritual, já que estão impedidos de celebrar plenamente o Dia do Senhor. Inaceitável, outrossim, é a sociedade que obriga multidões à luta pela sobrevivência por causa do trabalho mal remunerado, que desfigura o Domingo feito dia de horas-extras. A própria realidade urbana dificulta, muitas vezes, a vivência cristã do Dia do Senhor.

118. Lamentamos também o consumismo secularista, que leva centenas de pessoas ao mero lazer, viagens e programas, que mais parecem criados para distrair ou dirigir as atenções em direção oposta ao culto e à religião”.

Nota:71

cf. **CDAP**, nn.18-22.

Nota:72

CNBB, Doc. 43, n. 98: “Contudo, não confundimos nunca estas celebrações com a Eucaristia. Missa é Missa. Celebração da Palavra, mesmo com a distribuição da Comunhão, não deve levar o povo a pensar que se trata do Sacrifício da Missa. É errado por exemplo, apresentar as oferendas, proclamar a Oração eucarística, rezar o Cordeiro de Deus e dar a bênção própria dos ministros ordenados”.

Nota:73

RMI 51: “Um fenômeno, com crescimento rápido nas jovens Igrejas, promovido pelos bispos ou mesmo pelas Conferências episcopais, por vezes como opção prioritária da pastoral, são as comunidades eclesiais de base (conhecidas, também, por outros nomes), que estão dando boas provas como centros de formação cristã e de irradiação missionária. Trata-se de grupos de cristãos, a nível familiar ou de ambientes restritos, que se encontram para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, para a partilha dos problemas humanos e eclesiais, em vista de um compromisso comum. Elas são um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na civilização do amor.

Tais comunidades descentralizam e, simultaneamente, articulam a comunidade paroquial, à qual sempre permanecem unidas; radicam-se em ambientes simples das aldeias, tornando-se fermento de vida cristã, de atenção aos últimos, de empenho na transformação da sociedade. O indivíduo cristão faz nelas uma experiência comunitária, onde ele próprio se sente um elemento ativo, estimulado a dar a sua colaboração para proveito de todos. Deste modo, elas tornam-se instrumento de evangelização e de primeiro anúncio, bem como fonte de novos ministérios; enquanto, animadas pela caridade de Cristo, oferecem uma indicação sobre o modo de superar divisões, tribalismos, racismos.

De fato, cada comunidade, para ser cristã, deve fundar-se e viver em Cristo, na escuta da Palavra de Deus, na oração onde a Eucaristia ocupa o lugar central, na comunhão expressa pela unidade de coração e de alma, e pela partilha conforme as necessidades dos vários membros (cf. At 2,42-47). Toda a comunidade recordava Paulo VI deve viver em unidade com a Igreja particular e universal, na comunhão sincera com os Pastores e o Magistério, empenhada na irradiação missionária e evitando fechar-se em si mesma ou deixar-se instrumentalizar ideologicamente. O Sínodo dos bispos afirmou: Uma vez que a Igreja é comunhão, as novas comunidades de base, se verdadeiramente vivem em unidade com a Igreja, representam uma verdadeira expressão de comunhão e um meio eficaz para construir uma comunhão ainda mais profunda. Por isso, são um motivo de grande esperança para a vida da Igreja”.

Nota:74

CNBB, Doc. 43, n. 141: “A Igreja, como família de Deus, precisa de uma casa para reunir-se, dialogar, viver na alegria e na comum união os grandes momentos de sua vida religiosa.

Tendo em vista a crescente urbanização, os pastores cuidem, devidamente, de que todas as comunidades sejam dotadas de locais de culto identificados claramente. Para manter a memória do sagrado no mundo que se dessacraliza, valorize-se o toque dos sinos nos horários devidos”.

Nota:75

cf. **CNBB, Doc. 43, 219ss:** “219. Haverá certamente muitas maneiras de se preparar uma celebração. Indicamos uma, ao lado de outras possíveis:

220. 1º Passo: situar a celebração no Tempo litúrgico e na vida da comunidade.

1) *Situar a celebração no Tempo litúrgico:* ver o Domingo e o Tempo litúrgico. Por exemplo: IV Domingo da Páscoa, Evangelho do Bom Pastor. No início de um novo Tempo litúrgico será útil aprofundar o sentido do Tempo, discutir algumas características próprias que darão um estilo à sua celebração. Não se celebra do mesmo jeito na Quaresma ou no Tempo pascal.

221. 2) Situar a celebração na vida da comunidade: auscultar os acontecimentos que marcam a vida de nossa comunidade que passaram ou que vêm: sociais, religiosos do dia da comunidade da região; nacionais, internacionais... Para enraizar a celebração no chão da vida, na história onde nos atinge o mistério de Cristo que celebramos, é bom ver a realidade que marca as nossas vidas.

222. 3) Ver outros acontecimentos que marcam a celebração: por exemplo, uma data especial, dia da Bíblia, mês de maio, dia das mães, aniversário do pároco e outros já citados, marcarão a oração dos fiéis, o rito penitencial, a homilia.

223. 4) Ver com quem se vai celebrar: o conhecimento da assembléia com suas características próprias, sem esquecer os grupos minoritários, é importante, também, para situar a celebração no tempo e na história.

224. 2º Passo: Aprofundar as leituras: Neste segundo passo da preparação lêem-se os textos bíblicos à luz dos acontecimentos da vida e do mistério celebrado (1º passo). Convém iniciar pelo Evangelho que é a leitura principal do mistério de Cristo celebrado; e, a seguir, a 1ª leitura, o salmo responsorial e a 2ª leitura.

225. Opera-se, então, o confronto entre a Palavra de Deus e a vida ajudado pelas perguntas: o que dizem as leituras? o que significam para a nossa vida? como podemos orientar o nosso agir? quais os desafios de nossa realidade hoje? como a palavra de Deus ilumina nossa realidade? como ligamos a Palavra com o mistério celebrado?

226. 3º Passo: Exercício de criatividade: À luz dos passos anteriores, vida da comunidade, Tempo litúrgico, Palavra de Deus procura-se, num exercício de criatividade, fazer surgir idéias, mesmo sem ordem, à maneira de uma tempestade mental. Selecionar depois as idéias a respeito de ritos, símbolos, cantos, para os ritos da entrada, o ato penitencial, o gesto da paz, a proclamação das leituras etc.

227. 4º Passo: Elaborar o roteiro da celebração, levando em conta os passos anteriores: Define-se primeiramente o tom da celebração, isto é, o estilo global que convém a uma Missa de Páscoa, ou de 7º Dia, ou com crianças... A seguir, passando em revista as diversas partes da Missa, escolhem-se os cantos, os ritos etc., para cada momento da mesma, registrando tudo numa folha-roteiro, que servirá de guia para os diversos ministros.

228. Aí também se distribuem as tarefas e os serviços; anotam-se coisas a fazer antes da celebração, como cartazes de decoração, ensaios etc; e também o que deve ser feito durante a celebração: não só o que fazer, mas quem o faz e quando”.

Nota:76

cf. **CNBB, Doc.43, n.9:** “Além disso, foram-se realizando Encontros Nacionais e Regionais de Liturgia. Surgiram obras nossas e outras traduzidas. A reflexão e a prática litúrgicas tornaram-se vivas nos vários cursos do ISPAL (Instituto Superior de Pastoral Litúrgica), que prestaram inestimável serviço à renovação litúrgica no Brasil”.

cf. **CDAP**, n. 41.

Nota:77

cf. **CDAP**, n.35.

Nota:78

CNBB, Doc. 45, n.178: “A atitude de amizade e de acolhimento acentua a valorização da pessoa, num mundo onde a técnica e o progresso nem sempre deixam espaço para a comunicação pessoal. Assim, imita-se o gesto de Cristo acolhendo Zaqueu que, por sua vez, o recebe alegremente em sua casa. Ou a atitude de Jesus ao acolher as crianças ou, ainda, o gesto de Filipe e André que acolhem alguns gentios desejosos de ver o Cristo e os apresentam ao Mestre”.

Nota:79

CNBB, Doc. 45, n. 180: “A pessoa precisa ser acolhida na comunidade, com abertura e sensibilidade para os diversos aspectos e dimensões de sua identidade e existência. A comunidade, seguindo o princípio da liberdade cristã, evite um controle excessivo sobre as pessoas, ajude seus membros a não cair em atitudes unilaterais, como o intelectualismo, o intimismo, a excessiva importância à experiência emocional, a busca desmedida do maravilhoso e a fuga do compromisso com a transformação social”.

Nota:80

CNBB Doc. 45, n.177: “Importância especial seja dada ao *acolhimento* às pessoas. Para isso, algumas medidas podem ser postas em prática: ministério da acolhida; visitas às famílias que chegam; visitas domiciliares nos momentos marcados pela alegria ou pela tristeza; postura acolhedora, alegre, disponível e bem humorada, por parte do presbítero e demais agentes de pastoral”.

Nota:81

cf. **CNBB, Doc. 5, n.95:** “Levando-se em conta a sensibilidade cultural do nosso povo, é meta da adaptação da liturgia, num justo e sadio processo de inculturação, a introdução de novos símbolos, de novos ritos de sacramentais para diversas necessidades e circunstâncias da vida, mais compreensíveis ao povo de hoje, porque criados pela piedade popular, experimentados nas CEBs e outros grupos de oração, ou ainda, provenientes das exigências da modernidade”.

Nota:82

cf. **CDAP**, n.41b; OLM, n.11

Nota:83

IGMR, n. 33: “A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cânticos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis. Pois nas leituras explanadas pela homilia Deus fala ao seu povo, revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual; e o próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis. Pelos cânticos, o povo se apropria dessa palavra de Deus e a ele adere pela profissão de fé. Alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro”.

Nota:84

cf. **OLM** (Ordo Lectionum Missae), n.13.

Nota:85

Os livros de onde são tiradas as leituras da Palavra de Deus, assim como os ministros, as atitudes, os lugares e demais coisas, lembram aos fiéis a presença de Deus que fala a seu povo. Portanto, é preciso procurar que os livros, que são sinais e símbolos das realidades do alto na ação litúrgica, sejam verdadeiramente dignos, decorosos e belos. (**OLM**, n.35; cf. **IGMR**, n.35; **OLM**, n.17.36 e 37; **CNBB**, Doc.45, n.270-271).

IGMR 35: “Deve-se manifestar a maior veneração por ocasião da leitura do Evangelho. A própria Liturgia o ensina, uma vez que a cerca, mais do que as outras, de honra especial: tanto por parte do ministro delegado para anunciá-la, que se prepara pela bênção ou oração, como por parte dos fiéis que pelas aclamações reconhecem e professam que Cristo está presente e lhes fala, e que ouvem de pé a leitura. Realçam-no ainda os sinais de veneração prestados ao livro dos Evangelhos”.

CNBB, Doc. 45, n.270-271: “270. Realizar maiores investimentos, inclusive financeiros, na formação de lideranças, quer entre os construtores da sociedade, quer nos meios populares, sem os quais as estruturas temporais não serão permeáveis aos valores evangélicos;

271. Retomar, com novo vigor de formação, a pastoral da juventude, seja dos meios populares, seja dos meios colegiais e universitários, indispensável para a renovação da sociedade”.

Nota:86

As celebrações sejam menos apressadas e menos intelectualizadas, proporcionando maiores momentos de silêncio, interiorização e contemplação. (**CNBB**, Doc.45, n.189).

Nota:87

cf. **IGMR 23:** “Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que ouviram; após a Comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração”.

Doc. 43, 82: “Auxiliam nossa prece, reforçando a palavra que ouvimos, a linguagem universal da música, cantada ou instrumental, que os momentos de silêncio ressaltam e ao mesmo tempo abrem espaço para outro tipo de oração. E até mesmo a simples modulação da voz pode expressar nossa alegria, nossa confiança ou nossa dor”.

cf. também **OLM**, n. 28; **IGLH**, n. 202, **CNBB**, Doc. 43, n. 82.

Nota:88

“O Leitor é o autor da comunicação da Palavra pela dignidade na apresentação, pelo tom de voz, pela clareza na dicção, pela humildade e convicção de estar a serviço de Deus na proclamação da Palavra” (**CNBB**, Doc. 2a, n. 5.2.4.1).

CNBB, Doc. 2^a, n. 5. 2. 4. 1: “Sua função se exerce num rito determinado a liturgia da Palavra. Deve ser cômico do sentido de seu ministério e procurar exercê-lo de modo tecnicamente especializado. É o autor da comunicação da Palavra pela dignidade na apresentação, pelo tom de voz, pela clareza na dicção, pela humildade e convicção de estar a serviço de Deus na proclamação da Palavra.

Pastoralmente não basta indicar um leitor e mostrar-lhe o texto a ser lido. É preciso que se faça uma formação específica que o torne apto a assumir tal tarefa como função litúrgica. Para isso, é importante que o leitor participe da assembléia e se aproxime do livro com fé, a fim de exercer um anúncio para seus irmãos e não execute apenas uma atividade de pessoa que sabe ler”.

Nota:89

cf. **IGMR**, n.37-39; **OLM**, n.23; **CNBB**, Doc.2a, 2.3.2.2:

IGMR 37-39: “37. Após a segunda leitura vem o Aleluia ou outro canto de acordo com o tempo litúrgico:

- A) o Aleluia é cantado em todos os tempos, exceto a Quaresma, sendo iniciado por todos ou pela escola ou cantor, podendo ser repetido; os versículos são tirados do Lecionário ou do Gradual;
- B) o outro canto consiste num versículo antes do Evangelho ou num segundo salmo ou trato, como se encontram no Lecionário ou no Gradual.

38. Havendo apenas uma leitura antes do Evangelho:

- A) no tempo em que se diz o Aleluia, pode haver um salmo aleluiático, ou um salmo e o Aleluia com seu versículo, ou então apenas um salmo ou o Aleluia;
- B) no tempo em que não se diz o Aleluia, pode haver um salmo ou um versículo antes do Evangelho.

39. O salmo que ocorre após a leitura, se não for cantado, seja recitado. Mas o Aleluia ou o versículo antes do Evangelho podem ser omitidos, quando não são cantados”.

Nota:90

cf. **CDAP**, n.38

Nota:91

cf. **CNBB, Doc. 43, n. 279:** “Onde for oportuno, convém que a homilia procure despertar a participação ativa da assembléia, por meio do diálogo, aclamações, gestos, refrões apropriados. Ainda, segundo as circunstâncias, o sacerdote poderá convidar os fiéis a dar depoimentos, contar fatos de vida, expressar suas reflexões, sugerir aplicações concretas da Palavra de Deus. E finalmente, fazer algumas perguntas sobre o que falaram as leituras, como elas iluminam a nossa vida; e até que ponto a celebração da Eucaristia a realiza”.

Nota:92

CNBB, Doc. 43, n. 280: “Conforme o caso a dramatização da Palavra, discreta e permitida pela Liturgia, poderá ser excelente complementação da homilia, sobretudo nas comunidades menores e mais simples.

Alguns roteiros da Celebração da Palavra de Deus prevêem, logo após a homília, um rito penitencial motivado pela proclamação da e escuta da Palavra”.

Nota:93

cf. **IGMR**, n.43; **CDAP**, n.41b; **CNBB**, Doc.43, n.281.

IGMR 43: “O símbolo ou profissão de fé, na celebração da Missa, tem por objetivo levar o povo a dar seu assentimento e resposta à palavra de Deus ouvida nas leituras e na homília, bem como recordar-lhe a regra da fé antes de iniciar a celebração da Eucaristia”.

CNBB, Doc. 43, n. 281: “O Símbolo ou Profissão de fé, na Missa, tem por objetivo levar o povo a dar o seu assentimento e resposta à Palavra de Deus ouvida nas leituras e na homília, bem como recordar-lhe a regra da fé antes de iniciar a celebração da Eucaristia”.

Nota:94

CNBB, Doc. 43, n. 282: “Além do *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*, que deveria ser usado mais frequentemente, é muito útil para as celebrações com o povo o Símbolo dos apóstolos na sua forma direta ou, em casos especiais, na forma dialogada, como ocorre no rito do Batismo, no dia da Crisma e na Vigília Pascal. Eventualmente refrões cantados e adequados podem integrar sua recitação. É um abuso substituir o Creio por formulações que não expressam a fé como é professada nos símbolos mencionados”.

Nota:95

IGMR, 46: “Normalmente serão estas as séries de intenções:

- a) pelas necessidades da Igreja,
- b) pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo,
- c) pelos que sofrem qualquer dificuldade,
- d) pela comunidade local.

No entanto, em alguma celebração especial, tal como Confirmação, Matrimônio, Exéquias, as intenções podem referir-se mais estreitamente àquelas circunstâncias”.

CNBB, Doc. 2a, n. 2.3.5: “Parte integrante da liturgia da Palavra, deverá sempre estar presente nas celebrações. Às vezes poderá tomar um tom mais solene, através do canto recitativo; normalmente, porém, este será o momento da espontaneidade na oração pública da Igreja.

O conteúdo das orações dos fiéis são um autêntico termômetro do nível de consciência dos mesmos. Não se deve, pois, escamotear a verdade, impedindo que se manifeste esse despreparo no tocante à educação da comunidade para a oração litúrgico-eclesial.

Não basta ler, num folheto ou no missal, algumas intenções bem formuladas. É preciso educar os fiéis para as preces da comunidade, a fim de que a espontaneidade de uma assembléia expresse os verdadeiros interesses e necessidades da Igreja, da humanidade e da comunidade local, conforme as circunstâncias.

É o exercício do sacerdócio batismal que se expressa nesta forma de participação na oração litúrgica.

Lembremo-nos de que Deus normalmente age através das causas segundas, que somos nós mesmos. Portanto suplicar uma graça supõe comprometimento de colaboração para que a necessidade seja satisfeita em conformidade com a vontade do Pai. Responder AMÉM à oração pública implica numa atitude de fé-fidelidade à própria vocação enquanto chamado a dar uma resposta realista e confiante ao dom da fé que se apresenta em forma de missão a ser realizada”.

CNBB,Doc. 43, n.283: “A *Oração dos fiéis* ou Oração universal, de modo geral, tornou-se nas comunidades um momento bom, variado e de bastante participação, onde o povo, exercendo a sua função sacerdotal, reza por toda a humanidade”.

Nota:96

cf. **IGMR**, n.45-47; **CDAP**, n.44.

IGMR, 45-47: “45. Na oração universal ou oração dos fiéis, exercendo a sua função sacerdotal, o povo suplica por todos os homens. Convém que normalmente se faça esta oração nas Missas com o povo, de tal sorte que se reze: pela Santa Igreja, pelos governantes, pelos que sofrem necessidades, por todos os homens e pela salvação de todo o mundo.

46. Normalmente serão estas as séries de intenções:

- a) pelas necessidades da Igreja,
- b) pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo,
- c) pelos que sofrem qualquer dificuldade,
- d) pela comunidade local.

No entanto, em alguma celebração especial, tal como Confirmação, Matrimônio, Exéquias, as intenções podem referir-se mais estreitamente àquelas circunstâncias.

47. Cabe ao sacerdote celebrante dirigir a oração, convidando os fiéis a rezar, por meio de uma breve exortação, concluindo com uma súplica. Convém que o diácono, o cantor ou algum outro profira as intenções. Toda a assembléia exprime a sua súplica, seja por uma invocação comum após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio”.

Nota:97

“Por rezadeiras entende-se aquelas pessoas às quais a comunidade reconhece o carisma de rezar e puxar as orações em momentos especiais da vida”.

Nota:98

cf. **CDAP**, n.41c.

Nota:99

Ef 1,3: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: Ele nos abençoou com toda bênção espiritual, no céu, em Cristo”.

Ef 5,20: “Agradeçam sempre a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”.

2Cor 1,3: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação!”.

Nota:100

CI 1,13-14: “Deus Pai nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”.

Nota:101

cf. **CDAP**, n. 45a e 48; **CNBB**, Doc. 43, n. 101.

CNBB, Doc. 43, n. 98: “Contudo, não confundimos nunca estas celebrações com a Eucaristia. Missa é Missa. Celebração da Palavra, mesmo com a distribuição da Comunhão, não deve levar o povo a pensar que se trata do Sacrifício da Missa. É errado por exemplo, apresentar as oferendas, proclamar a Oração eucarística, rezar o Cordeiro de Deus e dar a bênção própria dos ministros ordenados”.

Nota:102

cf. **CDAP**, n.45b.

Nota:103

cf. **CDAP**, n.45b.

Nota:104

cf. A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, n.17: CDC, Cân. 910§ 2; Cân. 230§ 3; Congregação para a Disciplina dos Sacramentos, Instrução Immensae Caritatis, 1.1s.

Cân. 910 § 2: “Ministro extraordinário da sagrada comunhão é o acólito ou outro fiel designado de acordo com o cân. 230, § 3”.

Cân. 230 § 3: “§ 3. Onde a necessidade da Igreja, o aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, mesmo não sendo leitores ou acólitos, suprir alguns de seus ofícios, a saber, exercer o ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, administrar o batismo e distribuir a sagrada Comunhão, de acordo com as prescrições do direito”.

Nota:105

Os ritos da conclusão indicam a relação que existe entre a liturgia e a vida cristã. (**CDAP**, n.41e).

Nota:106

cf. **CDAP**, n.49.